

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**O PAPEL DA ENTRADA E SAÍDA DE EMPRESAS NO
EMPREGO E NO SALÁRIO MÉDIO DA ECONOMIA
BRASILEIRA, 2007-2013.**

CAROLINA MELCHERT MARQUES
Matrícula nº: 111331928

ORIENTADOR: Prof. Carlos Frederico Leão Rocha

JANEIRO 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**O PAPEL DA ENTRADA E SAÍDA DE EMPRESAS NO
EMPREGO E NO SALÁRIO MÉDIO DA ECONOMIA
BRASILEIRA, 2007-2013.**

CAROLINA MELCHERT MARQUES
Matrícula nº: 111331928

BANCA EXAMINADORA

PROF. CARLOS FREDERICO LEÃO ROCHA.
PROF. VICTOR PROCHNIK
PROF. JORGE BRITTO

JANEIRO 2017

As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do (a) autor (a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Carlos Frederico Leão Rocha por me dar a oportunidade de trabalhar quase dois anos ao seu lado e por me orientar nesse trabalho de conclusão. Sua sabedoria foi essencial para minha formação, inclusive pessoal.

Agradeço aos meus pais, Denise e Mauro, pela determinação e luta pela minha formação, por tanto se dedicarem a mim. Mãe, sua persistência me fez chegar até aqui. Pai, seu apoio significou que não estou sozinha nessa caminhada.

Agradeço à minha avó Leda, Neide e meu avô Germano que sempre me deram apoio e estímulo para enfrentar as barreiras da vida. Agradeço ao meu avô Mauro (*in memoriam*), que onde quer que esteja nunca deixou de me amar e confiar em mim.

Aos meus tios que sempre me deram suporte e estiveram ao meu lado. Agradeço especialmente à minha tia Mara que é uma segunda mãe e que sempre me conferiu carinho e agrado.

Agradeço aos colegas do IBRE, principalmente ao Regis Bonelli, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções, incentivos e oportunidades.

Agradeço à Marina Goulart, que me acompanhou em todos esses anos de faculdade e sempre esteve ao meu lado para me apoiar e também à Mariana Motta e Tathiana Simões, dividir parte da casa e da vida com vocês foi uma experiência incrível. Agradeço também ao João Machado e ao Victor Falquer, pelo companheirismo nas noites de estudo e de cerveja.

Agradeço ao Luiz Andre Vaz e Guilherme Caetano pelo apoio antes de provas, pelas conversas entre as aulas e pelas risadas diárias.

Agradeço também aos queridos amigos que levo do Colégio Ph e todos agregados, não sei como teriam sido esses últimos 10 anos sem vocês ao meu lado.

E finalmente agradeço ao mundo por mudar as coisas, por nunca ser da mesma forma. Agora é o único momento que existe no qual temos a responsabilidade de viver, mudar e evoluir. O passado se foi e estamos colhendo os frutos das sementes que plantamos.

Viver é o meu modo de agradecer sempre.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo fazer a análise da participação das empresas entrantes e das empresas que saem, no emprego e no salário médio da economia brasileira.

Entre os anos de 2007 a 2013 o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu pouco e a taxa de desemprego totalizando em um crescimento de 23,26% no período, enquanto a taxa de desemprego diminuiu.

Historicamente é esperado que com a queda da taxa de desemprego o PIB aumentasse, procuro nesse trabalho entender os fatores que geraram a inconsistência entre o PIB e a taxa de desemprego para o período em análise, com foco na entrada e saída de empresas e as suas produtividades.

Será feito o mapeamento da entrada e saída de empresas na economia brasileira analisando por setor e por faixa de tamanho. Será aprofundada a questão da relação da heterogeneidade com a produtividade e também a importância do nascimento e da mortalidade nas empresas brasileiras e no mundo.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – DEFINIÇÃO DO FENÔMENO DE HETEROGENEIDADE ESTRUTURAL, ENTRADA E SAÍDA.....	9
I.1 - CONCEITOS BÁSICOS	9
<i>I.1.1 – Heterogeneidade estrutural.....</i>	<i>10</i>
<i>I.1.2 – Entrada e saída</i>	<i>12</i>
CAPÍTULO II – METODOLOGIA.	15
II.1 – BASE DE DADOS UTILIZADA	15
II.2 – DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS UTILIZADAS	17
II.3 – SALÁRIO MÉDIO INDICADOR DE PRODUTIVIDADE	18
CAPÍTULO III – ANÁLISE E RESULTADOS.	22
III.1 – DADOS GERAIS DE ENTRADA E SAÍDA POR FAIXA DE TAMANHO	23
<i>III.1.1 – Números Absolutos.</i>	<i>23</i>
<i>III.1.2 – Salário Médio.</i>	<i>34</i>
III.2 - DADOS DE ENTRADA E SAÍDA POR SETOR.	39
<i>III.2.1 – Números Absolutos.</i>	<i>39</i>
<i>III.2.2 – Salário Médio.</i>	<i>43</i>
CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO.	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende contribuir para a discussão do papel da heterogeneidade e o papel da entrada e da saída de empresas para o emprego e o salário médio da economia brasileira nos anos de 2007 a 2013. O reduzido aumento da produtividade tem sido uma das principais preocupações na agenda de estudos da economia brasileira.

“Tanto o desempenho da produtividade, quanto a influência do comportamento desta variável sobre a desaceleração recente do crescimento econômico do país são temas cada vez mais presentes”

(Negri e Cavalcanti, 2014)

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresce até 2014, porém a taxas decrescentes, enquanto a taxa de desemprego apresenta uma baixa histórica até 2014. O questionamento feito é baseado na observação de que o Brasil apresenta uma taxa de desemprego baixa, o que teoricamente aumentaria o salário médio da economia e conseqüentemente poderia aumentar o PIB, o que não se verifica na realidade. Uma das possíveis explicações para esse fenômeno é a ocorrência de uma mudança estrutural perversa. Nesse sentido, pelo menos uma de duas trajetórias pode estar ocorrendo.

De um lado, pode estar ocorrendo a “migração” das empresas de setores de alta produtividade para setores com baixa produtividade. Uma segunda explicação pode ser a entrada ou crescimento de novas empresas cuja produtividade seja inferior à média da economia. Nesse último contexto a alta taxa de entrada de empresas pode estar impactando negativamente a produtividade ao mesmo tempo em que reduz a taxa de taxa de desemprego, supondo, portanto, que as empresas entrantes possuem uma taxa de produtividade menor do que as empresas que já se encontram no mercado.

Iremos analisar os dados da taxa de desemprego da economia brasileira para o período de 2007 a 2013 assim como os dados de crescimento econômico do País, será observado se esse é um fator que vem ocorrendo no mundo ou se é um caso específico da economia brasileira.

O objetivo deste estudo é tentar entender qual a relevância das empresas que entram no mercado, seja por um nascimento da empresa no ano ou por uma reentrada, para a criação de novos postos de trabalho na economia. A questão principal é se a entrada é um fator importante para a criação de empregos. Além do impacto no emprego vamos analisar se as empresas que nascem, influenciam o salário médio do pessoal ocupado.

Outra pergunta relevante feita pelo estudo é em relação à distribuição setorial. Existe alguma relação com a entrada de novas empresas com alguns setores específicos? Esses setores possuem um salário médio relativamente elevado ou baixo?

O trabalho está estruturado em quatro capítulos e essa introdução. No capítulo I, apresentamos a definição do fenômeno de heterogeneidade e entrada e saída de empresas pelos estudos já feitos nesses campos por diversos autores. O capítulo II expõe a metodologia utilizada para esse estudo, bem como define as variáveis utilizadas permitindo a verificação da qualidade dos dados usados. O capítulo III apresenta a análise e os resultados encontrados com os dados empíricos para a economia brasileira durante o período de 2007 a 2014 e nele será discutido a referência para o resto do mundo. O último capítulo conclui.

CAPÍTULO I – DEFINIÇÃO DO FENÔMENO DE HETEROGENEIDADE ESTRUTURAL, ENTRADA E SAÍDA.

1.1 - Conceitos básicos

Para o entendimento da temática aqui focalizada, é necessário definir alguns conceitos fundamentais sobre as empresas. As empresas se distinguem em variados aspectos, existindo diferenças significativas em relação ao seu tamanho, setor, crescimento, faturamento, entre outros. Os estudos aqui apresentados utilizam o conceito de tamanho como um determinante importante da característica das empresas em geral.

O primeiro conceito que iremos abordar é o da heterogeneidade estrutural, esse fenômeno ocorre quando técnicas modernas são inseridas em economias atrasadas. A inserção da técnica moderna faz com que alguns setores da economia apresentem uma alta produtividade enquanto outros setores não obtêm esse mesmo ganho.

A entrada e saída de empresas é um importante fator explicativo para a criação e para a eliminação de postos de trabalho. Teoricamente, a saída das empresas deveria ser resultado de um processo de seleção entre as próprias empresas, prevalecendo as empresas que apresentaram melhores resultados comparativos. A entrada deveria estar associada à visualização de oportunidades de negócios, a oportunidade comparativa de entrar no mercado visando melhores retornos.

É possível perceber a entrada, principalmente em pequena escala, como uma forte criação de novos postos de trabalho. A agregação no pessoal ocupado como um todo na economia é significativa.

Em todos os casos a entrada e a saída deve criar efeitos sobre a produtividade da economia, seja por meio da eliminação de empresas ineficientes, seja pela criação de novas oportunidades e maior concorrência ou, então, seja no fornecimento de postos de trabalho em segmentos de subsistência.

Ainda que os motivos para que a heterogeneidade e a entrada e saída de empresas afetem a produtividade agregada da economia sejam diferentes a sua importância deve ser mencionada.

Principalmente em países emergentes como é o caso do Brasil. Devido à importância da análise do fator demonstrado e do cenário que observamos para o período de 2007 a 2014 no Brasil, tentar encontrar uma explicação ou qualquer relação desses fatores com a taxa de crescimento na economia parece ser bastante interessante, podendo agregar, ainda que um pouco, a discussão intelectual do cenário econômico brasileiro.

I.1.1 – Heterogeneidade estrutural

Como mencionado anteriormente, as empresas se diferem em diversos aspectos. Diversos autores tentam entender porque a heterogeneidade ocorre entre um grupo ou diversos grupos de empresas na economia.

O conceito de heterogeneidade se dá pelo fenômeno de entrada de técnicas modernas em uma economia atrasada. Esse conceito foi desenvolvido pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) na década de 50 e criado na tentativa de explicar porque economias em desenvolvimento, como no caso do Brasil, apresentavam níveis elevados de assimetrias na produtividade do trabalho entre os setores. Nessa época as economias em desenvolvimento apresentavam uma heterogeneidade produtiva causada pela coexistência de setores que utilizavam técnicas modernas, de alta produtividade com setores que ainda apresentavam técnicas obsoletas e de menor produtividade (Kupfer e Rocha, 2005).

A premissa para ocorrer a heterogeneidade tem base em duas economias idênticas, mas que em algum momento uma acelera a sua taxa de inovação gerando mudança estrutural e diversificação produtiva enquanto a outra apresenta penetração do progresso técnico de forma parcial e em setores vinculados à exportação e essa estrutura emerge heterogênea como nos mostra Porcile (2010). Dessa divisão temos dois tipos de economias, uma com características homogêneas e diversificadas e a outra com características heterogêneas e especializadas.

Em geral a estrutura econômica dos países desenvolvidos é diversificada e homogênea do ponto de vista dos níveis de produtividade, enquanto a estrutura dos países em desenvolvimento é especializada em alguns setores e heterogênea (Catela e Porcile, 2013).

O conceito é utilizado também para explicar diversas disparidades regionais no âmbito da renda e no âmbito social que marcam a economia latino-americana, mesmo as economias que tenham passado por um vasto processo de industrialização (Pinto, 1979).

Diferentes óticas da heterogeneidade estrutural foram analisadas ao longo do tempo (Catela e Porcile, 2013). Um conjunto de estudos vinculados à CEPAL tiveram a preocupação de mensurar a importância da heterogeneidade e explicar com base empírica, como a heterogeneidade afeta a economia dos estudos em questão.

Ao traçar uma linha das principais dimensões da heterogeneidade estrutural em termos de produtividade Catela e Porcile (2013) confirmaram a existência de forte heterogeneidade entre os setores no estudo de além de heterogeneidade entre os setores para os anos de 2000 a 2008 na economia brasileira. Para medir a heterogeneidade buscaram medir grupos em que a produtividade é diferente por meio de *cluster k-means*, que identifica algumas características específicas dos componentes homogêneos dentro de uma população com componentes heterogêneos.

Após medir a heterogeneidade, estudaram a probabilidade de permanência das firmas nos diferentes grupos de produtividade, que foi determinada a partir de variáveis como progresso técnico, participação no comércio exterior, difusão e absorção de tecnologia e políticas públicas. O objetivo dos autores era testar em que medida a heterogeneidade produtiva é um fenômeno que persiste no tempo, se existe uma tendência de aumentar ou diminuir e se é possível esperar um processo de transição entre os grupos.

Para evidências empíricas nos países da América Latina os autores Kupfer e Rocha (2005) apontam que o tamanho das empresas explica melhor a evolução da produtividade do que o setor de atividade em que ela se encontra, assim ao analisar a heterogeneidade no final dos anos 90 na indústria brasileira, mostram que a modernização foi caracterizada por um aumento da heterogeneidade estrutural.

Ao examinar a estrutura produtiva da América Latina entre 1960 e 2007 com base na heterogeneidade, Infante (2010) encontra que ainda que o aumento do produto e da produtividade sejam parte significativa da alta produtividade, não gera aumentos significativos de postos de trabalho. Assim a força de trabalho é absorvida pelos setores de baixa produtividade, aumentando a heterogeneidade existente.

A partir da estrutura produtiva no Chile, Infante e Sunkel (2009), explicam o crescimento da economia relacionada com a desigualdade social crescente nos anos analisados. Ainda que no período de 1990 a 2007 o país tenha apresentado uma alta taxa de desemprego e

uma queda da participação dos trabalhadores no produto, o produto chileno cresceu 5,5% ao ano no período. Essa divergência pode ser explicada à heterogeneidade produtiva do país.

Capdevielle (2005) mostra que a falta de vantagens competitivas dinâmicas, produtivas e tecnológicas endógenas ocorrem devido às limitações estruturais no desenvolvimento do México, sua análise começa em 1950 e vai até 2003 para o país.

Para o Brasil o aumento de heterogeneidade está altamente correlacionado com a diferença de tamanho das empresas. A heterogeneidade estrutural traz o acúmulo de pessoal em segmentos estagnados, o que implica em um efeito negativo sobre a taxa de crescimento da produtividade da economia e também gera deterioração da qualidade dos postos de trabalho como apontado por Rocha (2004).

As questões abordadas pelos autores acima ajudam a determinar a heterogeneidade nos países da América Latina e qual sua importância na relação com o crescimento e com a produtividade da economia.

I.1.2 – Entrada e saída

O papel da entrada e saída de empresas é outro assunto amplamente discutido nas produções acadêmicas. Não só por sua relação com a questão da heterogeneidade, mas também pelo impacto no número de postos de trabalhos.

Kirchhof e Phillips (1998) demonstram a importância da entrada de empresas no crescimento econômico, seu estudo divide a criação de novos postos de trabalho pelo tamanho das empresas e como a taxa de natalidade e mortalidade das empresas afetam a criação dos postos de trabalho.

Os autores analisam o crescimento da população empregada nos Estados Unidos, que apresenta uma taxa de crescimento acima da maioria dos países desenvolvidos, isso ocorreu principalmente devido ao setor de manufatura. Os autores encontram evidências de que as pequenas empresas são o principal fator para o aumento dessa taxa. Isso ocorre com a entrada e saída de empresas, principalmente as pequenas, da economia americana. Além disso, para os Estados Unidos, no período de 1960 a 1984, a proporção da entrada, saída, expansão e contração são relativamente altas.

Ao estudarmos a entrada e saída das empresas na economia, devemos tomar muito cuidado com o fato de que as empresas que nascem podem não representar genuinamente a entrada na economia. O nascimento reflete a criação de uma nova empresa de forma legal, porém, essa mesma empresa pode ter sua origem em uma grande companhia já existente, pode ser oriunda de uma reestruturação ocorrida ou então pode refletir apenas a mudança de nome ou dados cadastrais. O cuidado deve existir de forma similar à saída de empresas.

Gallagher (1986) descreve as pesquisas feitas sobre quais empresas nascem, crescem, contratam e morrem e qual é a influência na criação de empregos e na destruição deles. As análises são feitas para os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. O resultado do trabalho mostra que é preciso considerar muito mais a questão de como ajudar as pequenas empresas a crescerem para que elas não morram e continuem aumentando o pessoal ocupado.

Melitz e Polanec (2012) mostram que, para a Eslovênia, no período de 1995 a 2002, a contribuição da alocação de market-share entre as empresas sobreviventes para o crescimento da produtividade agregada é muito mais substancial quando a contribuição de entrada e saída é eliminada do cenário. Eles apontam que a produtividade agregada varia ao longo do tempo, essa mudança não reflete apenas as variações da distribuição do nível de produtividade, mas também pela mudança de market-share e entrada e saída das empresas. No estudo eles utilizam o método proposto por Olley & Parkes (OP) (1996). Esse método faz a decomposição do market-share e da produtividade entre as empresas, porém abordam a produtividade agregada pelos componentes de entrada e saída. Os autores estendem a análise OP com o intuito de analisar a contribuição da entrada e da saída. É feita a divisão das empresas que sobrevivem entre o nível de distribuição da produtividade e o market-share delas.

Caves (1998) encontra evidências de que a variação das taxas de crescimento das empresas não independe do seu tamanho, mas sim diminui conforme o tamanho aumenta. As taxas médias de sobrevivência das empresas tendem a crescer com o tamanho, quanto maior a empresa, maior a chance de continuar existindo e também com a idade das empresas. A entrada de empresas é maior em tamanhos de empresas menores. Além disso a taxa de entrada e saída ocorre em um volume muito maior nas empresas de tamanho pequeno.

Para o Brasil, o estudo feito por Carvalho e Cerqueira (2010) utilizou exercícios econométricos sobre a entrada de empresas no mercado e a sobrevivência dessas mesmas empresas para o período do 1997 a 2006, encontrou que as taxas das empresas novas tem relação negativa com o Produto Interno Bruto (PIB), pessoal ocupado total, pessoal empregado e juros

e relacionam seus resultados com a hipótese *push*, em que as condições adversas levam os indivíduos que não encontraram emprego na economia a abrir seu próprio negócio. Relacionado à sobrevivência, as atividades econômicas, como o ramo industrial, são mais favoráveis para a sobrevivência assim como unidade da federação como São Paulo, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

Queremos analisar o perfil da entrada e saída das empresas na economia brasileira no período proposto e verificar se as tendências encontradas pelos autores mencionados se aplicam nesse cenário. Os autores verificam que em geral a entrada e saída é um fator significativo para o aumento do número dos postos de trabalho e também afetam a produtividade da economia. Será que esse nascimento e morte de empresas é relevante para o cenário econômico brasileiro? Nos próximos capítulos tentaremos encontrar evidências que mostram se a produtividade e o número de postos de trabalhos são afetados por essa demografia de empresas.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA.

II.1 – Base de dados utilizada

O trabalho utiliza informações que constam na Pesquisa de Demografia de Empresas (DEMOEMP) do Instituto Brasileiro de Geografia e Economia (IBGE) para 2007 a 2014. O estudo tem como objetivo analisar alguns aspectos de demografia de empresas formais brasileiras com base nas informações do Cadastro Central de Empresas (CEMPRE). Esses aspectos são baseados principalmente nos movimentos de entrada, saída e sobrevivência de empresas do mercado por atividade econômica de atuação da empresa de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE 2.0, por Grandes Regiões e Unidades da Federação.

Ressalta-se que desde o ano de 2008 houve a implementação de uma nova metodologia, mudaram os critérios de seleção de empresas ativas no CEMPRE, passaram a utilizar a CNAE 2.0 no lugar da CNAE 1.0 e passaram a compatibilizar uma série de indicadores em conformidade com a metodologia internacional.

O universo das organizações inscritas no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) da Secretaria da Receita Federal do Brasil que no ano de referência declararam às pesquisas econômicas do IBGE e/ou aos registros administrativos do Ministério do Trabalho e Emprego são o objeto de cobertura do CEMPRE.

A partir do ano de referência 2009, todo o processo de apropriação de registros da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego, passou a ser feito a partir dos registros individualizados dos empregados. Esta nova forma de apropriação de informações permitiu a obtenção de estatísticas mais detalhadas.

O movimento de entrada de empresa se refere ao número de empresas/unidades locais ativas no ano de referência, mas que não estavam ativas no ano anterior, representa o conjunto formado pelo nascimento e pela reentrada das empresas.

O nascimento de empresas é caracterizado quando uma empresa realmente inicia a atividade, se uma unidade é paralisada é reativada dentro de um período de dois anos, não é caracterizada como um nascimento.

A reentrada ocorre quando uma unidade recomeça a atividade após um período de interrupção temporária de, pelo menos, um ano e, no máximo, dois anos. A reentrada pode ocorrer por reativações reais da atividade econômica ou por falhas no preenchimento do registro administrativo.

A saída refere-se ao número de empresas que não estavam ativas no ano de referência, mas que estavam ativas no ano anterior. A sobrevivência é calculada se uma unidade estava ativa no ano de referência e no ano anterior.

O pessoal assalariado médio foi calculado a partir de informações provenientes da RAIS Empregado, que contém informações da data de admissão e desligamento por vínculo empregatício. Quando a pessoa assalariada trabalhou durante todos os dias do ano na unidade, atribuiu-se peso 1; caso contrário, decidiu-se por determinar um peso proporcional ao número de dias trabalhados no ano. Para cada dia trabalhado, cada pessoa recebeu um peso equivalente a $1/365$, o que representa um peso de $1/12$ ao mês.

Para considerar uma empresa ativa, os critérios de seleção se baseiam na condição de atividade, que é um conjunto de critérios que avaliam de forma simultânea situações cadastrais das fontes de atualização no ano de referência, o número de pessoas assalariadas e o indicador de atividade da RAIS.

Em relação aos critérios para atribuição de valores de pessoal ocupado e de salários pagos implementou-se um ajuste nos valores econômicos das unidades locais, pois quando uma mesma empresa é informante tanto do IBGE quanto da RAIS os valores relativos à empresa como um todo podem não ser compatíveis, e se não forem, prevalecem os dados do IBGE sobre os da RAIS. O ajuste, consiste em distribuir proporcionalmente os valores de pessoal ocupado total, pessoal ocupado assalariado e salários pagos das empresas, informados nas pesquisas institucionais, entre suas unidades locais, obedecendo à distribuição dessas informações na RAIS essa alteração reduz a diferença entre os totais de unidades locais e de empresas.

Assim, o DEMOEMP contém informações da dinâmica demográfica do segmento formal das empresas brasileiras, analisando os movimentos de entrada, saída e sobrevivência

além de traçar um panorama geral dos movimentos demográficos segundo porte e atividade econômica.

O Sistema de Contas Nacionais do IBGE também será utilizado, essa pesquisa consiste em uma sequência de contas de fluxos inter-relacionadas, detalhadas por setor institucional. As Contas Econômicas Integradas, que representam o núcleo central do Sistema de Contas Nacionais, mostram as relações entre a economia nacional e o resto do mundo.

Para poder comparar a evolução do salário sem a participação da inflação utilizaremos os dados coletados do IPEADATA para o Índice INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) calculado pelo IBGE entre os 1º e 30º dias de cada mês e também para o Índice IPC (Índice de Preços ao Consumidor) calculado pela FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas). Ambos são utilizados para observar a tendência da inflação na economia.

II.2 – Definição das variáveis utilizadas

As variáveis que utilizamos nesse estudo como *proxy* da produtividade foram; (i) o salário médio por tipo de evento demográfico e (ii) o salário médio por tamanho da empresa. Fizemos algumas manipulações nos dados para facilitar o entendimento. O cálculo do salário médio foi feito pela divisão da massa salarial pelo pessoal ocupado assalariado. O salário médio mensal foi calculado pela divisão do salário médio por 13, considerando os 12 meses de trabalho e o valor recebido pelo décimo terceiro. A massa salarial foi dividida pelo IPC com base em dezembro de 2014 para retirar o efeito da inflação e poder observar o crescimento real da variável.

Em relação ao número de total empresas, nós retiramos as empresas com 0 funcionários assalariados pois essas empresas não nos informam sobre o pessoal ocupado assalariado nem sobre o salário médio. Então quando o termo “todas as empresas” ou “total de empresas” e seus derivados foram utilizados, levar em consideração que estamos falando de todas as empresas com pessoal ocupado assalariado.

Muitas vezes é feita a análise considerando o total com entrada e sem entrada. O valor do total com entrada, seja do pessoal ocupado assalariado, do número de empresas ou do salário se refere ao simples total da economia. O valor do total sem entrada é referente aos valores caso as variáveis fossem apenas das empresas sobreviventes.

II.3 – Salário Médio indicador de produtividade

A iniciativa de tentar observar a produtividade agregada por meio dos salários médios ocorre devido à falta de dados de produtividade para esse tipo de análise. Ainda que o salário médio não seja a melhor aproximação da produtividade foi a mais viável para esse estudo.

O salário é encontrado pela divisão dos *salários e outras remunerações pelo pessoal ocupado total assalariado*, outras formas de calcular produtividade foram também produzidas com o intuito de verificar se o salário médio é de fato um bom dado a ser utilizado, como o *valor adicionado bruto* dividido por *ocupações formais* e o *valor adicionado* por meio do *valor da transformação industrial*.

O cálculo da produtividade pelos salários aparenta ser uma medida satisfatória de produtividade do trabalho, pois verificamos que a diferença entre esse cálculo e o cálculo da produtividade pelo valor adicionado e o valor da transformação industrial não é significativo. Ao utilizarmos os dados de salário dividido pelo valor da transformação industrial e pelo valor adicionado bruto observamos que o dado se mantém constante ao longo dos anos, variando apenas entre os setores. Isso nos mostra que utilizar o salário médio como proxy da produtividade nos fornece uma informação de qualidade para a análise proposta.

Como podemos verificar na Tabela II.3.1 abaixo, a relação entre as variáveis salário e valor da transformação industrial na indústria total se mantém em 0,22 a 0,26 ao longo de 2007 a 2014. Ao observar melhor os setores podemos notar que a *Indústria Extrativa* mantém uma relação de 0,14 em 2007 a 0,13 em 2014 entre o salário médio e o valor da transformação industrial. A *Indústria da Transformação* apresenta uma relação de em 0,22 em 2007 e 0,27 em 2014. Utilizando os dados da CNAE a dois dígitos notamos uma variação dos dados entre os setores tanto da *Indústria Extrativa* quanto da *Indústria da Transformação*. Os setores com maior relação entre salário médio e valor adicionado são; *Atividades de apoio à extração de minerais* e *Confecção de artigos do vestuário e acessórios*, respectivamente.

Tabela II.3.1 - Salário por Valor da Transformação Industrial, por setor, Brasil, 2007 - 2014

<i>Setor</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>	<i>2012</i>	<i>2013</i>	<i>2014</i>
Total	0,218	0,210	0,240	0,226	0,229	0,242	0,245	0,255
B Indústrias extrativas	0,142	0,116	0,161	0,105	0,099	0,120	0,124	0,132
05 Extração de carvão mineral	0,301	0,317	0,319	0,342	0,367	0,417	0,332	0,367
06 Extração de petróleo e gás natural	0,230	0,375	0,152	0,080	0,087	0,073	0,082	0,052
07 Extração de minerais metálicos	0,084	0,067	0,103	0,065	0,058	0,076	0,073	0,089
08 Extração de minerais não-metálicos	0,259	0,237	0,237	0,217	0,223	0,223	0,240	0,236
09 Atividades de apoio à extração de minerais	0,391	0,330	0,350	0,353	0,372	0,387	0,435	0,389
C Indústrias de transformação	0,222	0,215	0,244	0,236	0,243	0,254	0,258	0,267
10 Fabricação de produtos alimentícios	0,230	0,219	0,242	0,221	0,230	0,239	0,241	0,251
11 Fabricação de bebidas	0,128	0,132	0,126	0,122	0,128	0,131	0,143	0,154
12 Fabricação de produtos do fumo	0,152	0,148	0,144	0,170	0,164	0,139	0,150	0,166
13 Fabricação de produtos têxteis	0,341	0,339	0,352	0,333	0,352	0,354	0,364	0,386
14 Confecção de artigos do vestuário e acessórios	0,414	0,452	0,442	0,408	0,381	0,393	0,416	0,411
15 Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	0,395	0,365	0,379	0,367	0,371	0,371	0,367	0,371
16 Fabricação de produtos de madeira	0,294	0,289	0,341	0,310	0,339	0,326	0,316	0,329
17 Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	0,196	0,201	0,236	0,215	0,208	0,231	0,222	0,223
18 Impressão e reprodução de gravações	0,268	0,276	0,295	0,275	0,266	0,300	0,311	0,297
19 Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	0,091	0,091	0,107	0,103	0,098	0,099	0,112	0,120
20 Fabricação de produtos químicos	0,192	0,185	0,229	0,211	0,208	0,217	0,221	0,222
21 Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	0,230	0,245	0,254	0,261	0,278	0,293	0,295	0,313
22 Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	0,311	0,311	0,305	0,306	0,318	0,329	0,329	0,326
23 Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	0,258	0,255	0,265	0,261	0,265	0,278	0,295	0,301
24 Metalurgia	0,145	0,138	0,218	0,197	0,235	0,249	0,230	0,228
25 Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	0,323	0,306	0,322	0,336	0,354	0,369	0,365	0,390
26 Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	0,234	0,230	0,303	0,274	0,292	0,294	0,269	0,271
27 Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0,301	0,299	0,319	0,335	0,326	0,343	0,335	0,353
28 Fabricação de máquinas e equipamentos	0,317	0,312	0,351	0,327	0,341	0,360	0,370	0,380
29 Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	0,250	0,230	0,246	0,238	0,254	0,289	0,287	0,328
30 Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	0,271	0,255	0,285	0,318	0,310	0,324	0,341	0,344
31 Fabricação de móveis	0,369	0,368	0,370	0,337	0,347	0,350	0,385	0,383
32 Fabricação de produtos diversos	0,309	0,307	0,316	0,299	0,312	0,310	0,316	0,314
33 Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	0,393	0,375	0,392	0,390	0,407	0,423	0,413	0,419

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE, *Pesquisa Industrial Anual - Empresa, 2007 a 2014*.

A Tabela II.3.2 mostra a relação entre o salário e o valor adicionado. A relação se mantém em 0,31 a 0,37 ao longo de 2007 a 2014. Ao observar melhor os setores podemos notar que a *Indústria Extrativa* mantém uma relação de 0,13 em 2007 a 0,18 em 2014. A *Indústria da Transformação* apresenta uma relação de em 0,32 em 2007 e 0,39 em 2014.

Utilizando os dados da CNAE a dois dígitos notamos uma variação dos dados entre os setores tanto da *Indústria Extrativa* quanto da *Indústria da Transformação*. Na *Indústria da Transformação* e na *Indústria Extrativa*, os setores com maior relação entre salário médio e valor adicionado são; *Atividades de apoio à extração de minerais* e *Confecção de artigos do vestuário e acessórios*.

Podemos então observar que o salário, ainda que como mencionado acima não seja a melhor opção, dadas as informações disponíveis para cálculo da produtividade relacionado com a entrada e saída de empresas, é um dado possível analisar a produtividade, pois ao observar a relação salário e valor da indústria da transformação e relação salário e valor adicionado encontramos uma variação Inter setorial, mas não temporal. Além disso, ainda que o salário possa não representar adequadamente a produtividade do estabelecimento, ele é um bom indicador da heterogeneidade do trabalho. Indicando que alguns setores apresentam uma maior remuneração média do que outros. Essa diferença de remuneração pode afetar a composição da indústria brasileira, levando a migrações das empresas para alguns setores específicos.

Iremos entender melhor a relação entre o salário médio mensal com as características demográficas das empresas e com o tamanho delas. O próximo capítulo aborda os resultados encontrados para o período de análise e procura entender as relações com as variáveis.

Tabela II.3.2 - Salário por Valor Adicionado, por setor, Brasil, 2007 - 2014

<i>Setor</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>	<i>2012</i>	<i>2013</i>	<i>2014</i>
Total	0,31	0,30	0,34	0,31	0,32	0,34	0,34	0,37
B Indústrias extrativas	0,13	0,12	0,19	0,13	0,11	0,13	0,14	0,18
05 Extração de carvão mineral	0,45	0,45	0,39	0,38	0,41	0,52	0,45	0,51
06 Extração de petróleo e gás natural	0,57	0,43	0,37	0,12	0,13	0,15	0,14	0,08
07 Extração de minerais metálicos	0,07	0,06	0,11	0,08	0,06	0,07	0,07	0,11
08 Extração de minerais não-metálicos	0,37	0,32	0,31	0,28	0,29	0,28	0,29	0,29
09 Atividades de apoio à extração de minerais	0,61	0,52	0,55	0,52	0,51	0,54	0,64	0,60
C Indústrias de transformação	0,32	0,31	0,35	0,33	0,35	0,37	0,37	0,39
10 Fabricação de produtos alimentícios	0,43	0,38	0,42	0,35	0,35	0,36	0,38	0,40
11 Fabricação de bebidas	0,20	0,19	0,17	0,18	0,19	0,18	0,22	0,23
12 Fabricação de produtos do fumo	0,25	0,23	0,20	0,24	0,23	0,19	0,19	0,21
13 Fabricação de produtos têxteis	0,45	0,43	0,45	0,42	0,44	0,45	0,47	0,50
14 Confecção de artigos do vestuário e acessórios	0,49	0,56	0,52	0,50	0,45	0,46	0,48	0,49
15 Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	0,55	0,50	0,51	0,48	0,50	0,49	0,48	0,48
16 Fabricação de produtos de madeira	0,38	0,35	0,41	0,38	0,41	0,38	0,38	0,41
17 Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	0,27	0,28	0,32	0,30	0,29	0,31	0,30	0,32
18 Impressão e reprodução de gravações	0,37	0,38	0,39	0,36	0,34	0,39	0,39	0,36
19 Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	0,15	0,16	0,16	0,17	0,19	0,24	0,24	0,21
20 Fabricação de produtos químicos	0,27	0,28	0,35	0,31	0,30	0,31	0,31	0,35
21 Fabricação de produtos farmoquímicos e farmacêuticos	0,35	0,37	0,37	0,34	0,37	0,40	0,39	0,40
22 Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	0,42	0,42	0,40	0,40	0,42	0,44	0,45	0,44
23 Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	0,37	0,34	0,33	0,33	0,33	0,35	0,36	0,38
24 Metalurgia	0,18	0,17	0,27	0,25	0,30	0,31	0,30	0,30
25 Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	0,38	0,38	0,38	0,41	0,42	0,44	0,45	0,48
26 Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	0,35	0,37	0,47	0,39	0,40	0,41	0,38	0,42
27 Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0,41	0,39	0,43	0,43	0,45	0,46	0,44	0,49
28 Fabricação de máquinas e equipamentos	0,40	0,39	0,44	0,40	0,41	0,45	0,44	0,45
29 Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	0,34	0,31	0,35	0,34	0,36	0,43	0,42	0,53
30 Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	0,39	0,35	0,40	0,41	0,41	0,44	0,44	0,48
31 Fabricação de móveis	0,50	0,49	0,51	0,44	0,46	0,46	0,52	0,51
32 Fabricação de produtos diversos	0,40	0,38	0,38	0,37	0,38	0,38	0,39	0,40
33 Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	0,45	0,41	0,45	0,45	0,46	0,48	0,47	0,48

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE, *Pesquisa Industrial Anual - Empresa, 2007 a 2014*.

CAPÍTULO III – ANÁLISE E RESULTADOS.

Este capítulo tem como objetivo expor os resultados encontrados a partir da análise dos dados da pesquisa Demografia de Empresas. Traçaremos um panorama geral dos movimentos demográficos das empresas, segundo porte e atividade econômica. A primeira seção fará o tratamento geral dos dados, como se comportam as empresas de menor e maior porte, qual a relação com o número de empresas que entram e saem da economia e como se comporta o pessoal ocupado assalariado nas empresas que entram.

A segunda seção observa o comportamento das empresas e do pessoal ocupado assalariado segregado por setores. O objetivo dessa seção é entender se a entrada ocorre nos segmentos de baixa ou alta produtividade.

Haltiwanger, Jamin e Miranda (2009) encontram evidências que, para os Estados Unidos entre 1976 e 2005, de que o nascimento de novas empresas contribui para a criação de novos empregos. Encontram também que em geral as empresas maiores tendem a ser mais antigas do que as empresas menores. As empresas com 20 ou menos pessoas ocupadas empregam em torno de 20% do pessoal ocupado no período. John Haltiwanger (2011) estuda a dinâmica de criação de empregos e crescimento da produtividade nos Estados Unidos para o período de 1980 a 2009 observando o papel das pequenas empresas. Ele encontra que em torno de 18% dos empregos são oriundos da entrada de novas empresas para cada ano. As empresas que morrem contribuem para 14% da destruição de postos de trabalho. O autor encontra também uma ligação entre as pequenas empresas e as novas empresas na contribuição da criação de emprego. Em geral para o período de análise as novas empresas são em grande parte pequenas empresas.

O estudo de Neumark, Wall e Zhang (2009) faz a análise de cerca de 13 milhões de empresas. Encontram que cerca de 26% do pessoal ocupado está em empresas com 20 ou menos pessoas ocupadas e 36% em empresas com 50 ou menos pessoas ocupadas nos Estados Unidos entre 1992 e 2004. Os autores encontram evidências de que a criação de emprego é maior em empresas menores, e diminui conforme a empresa cresce o pessoal ocupado. Nas empresas com 20 ou menos pessoas a taxa de criação de emprego anual é em torno de 11%.

O estudo feito pela EUROSTAT em 2013, *Structural Business Statics*, encontra evidências de que as empresas com 20 ou menos pessoas ocupadas empregam em torno de 37% do pessoal ocupado nas economias avançadas da Europa. Pagés (2010) estuda os dados da Argentina, Bolívia, El Salvador e México e encontra que cerca de 80% das empresas possuem 10 ou menos pessoas ocupadas. Podemos notar que em diversos estudos as pequenas empresas representam grande parte do pessoal ocupado assalariado. A maioria dos estudos entendem que em geral as pequenas e médias empresas são as maiores responsáveis para a criação de postos de trabalho.

III.1 – Dados gerais de entrada e saída por faixa de tamanho

III.1.1 – Números Absolutos.

A Tabela III.1.1.1 mostra o número absoluto de empresas, com recortes específicos para o tamanho, fenômeno de entrada, saída e sobrevivência. Optou-se por excluir os dados referentes a empresas com 0 empregados, retirando-as do total. Essas empresas representam, em média, 48% do total de empresas, porém não expressam nem dados de emprego, nem de salário. Assim as porcentagens abaixo são em relação ao total de empresa com 1 ou mais trabalhadores.

Em 2007, a entrada de novas empresas, representaram 169.119 unidades em comparação com 1.778.888 do total de empresas, assim 9,5% do total de companhias na economia eram novas empresas. Em 2014 eram 199.255 unidades uma representação de 8,0% do total de 2.478.807 unidades. Em média para os anos de análise, a entrada de empresas representa 9% do total do número de empresas da economia, enquanto a sobrevivência representa em média os outros 91%. A saída de empresas em 2007 representava 75.633 unidades a menos na economia, em 2014 representava 113.045 unidades, no período saem em média 4% das empresas cada ano.

Tabela III.1.1.1 - Número de empresas por faixa de pessoal ocupado assalariado, Brasil, 2007-2014.

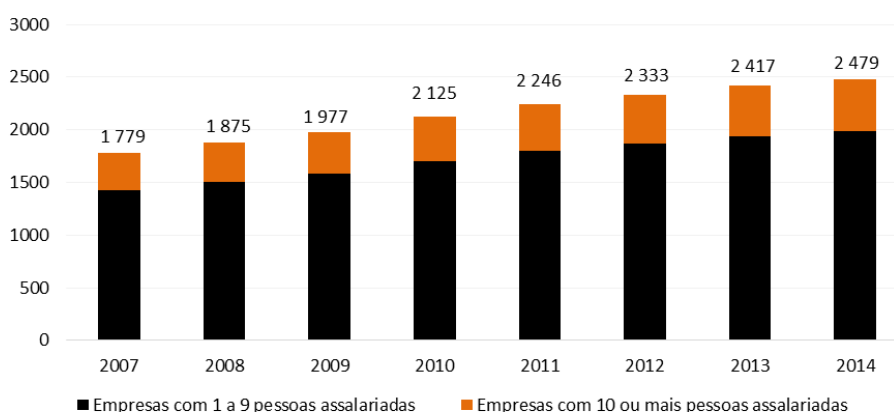
	2007			2008			2009		
	Número absoluto	%	%	Número absoluto	%	%	Número absoluto	%	%
Total	3 908 091			4 077 662			4 268 930		
Total com pessoal assalariado	1 778 888	100%		1 875 174	100%		1 976 569	100%	
Sobreviventes	1 609 769	90,5%		1 698 780	90,6%		1 786 547	90,4%	
Nascimento	117 488	6,6%		139 721	7,5%		156 090	7,9%	
Reentrada	51 631	2,9%		36 673	2,0%		33 932	1,7%	
Saída	75 633	4,3%		79 490	4,2%		87 218	4,4%	
Empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas	1 430 363	80,4%	100%	1 503 564	80,2%	100%	1 586 033	80,2%	100%
Sobreviventes	1 276 146	71,7%	89,2%	1 341 898	71,6%	89,2%	1 411 506	71,4%	89,0%
Nascimento	106 343	6,0%	7,4%	126 868	6,8%	8,4%	142 205	7,2%	9,0%
Reentrada	47 874	2,7%	3,3%	34 798	1,9%	2,3%	32 322	1,6%	2,0%
Saída	70 649	4,0%	4,9%	74 392	4,0%	4,9%	81 489	4,1%	5,1%
Empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas	348 525	19,6%	100%	371 610	19,8%	100%	390 536	19,8%	100%
Sobreviventes	333 623	18,8%	95,7%	356 882	19,0%	96,0%	375 041	19,0%	96,0%
Nascimento	11 145	0,6%	3,2%	12 853	0,7%	3,5%	13 885	0,7%	3,6%
Reentrada	3 757	0,2%	1,1%	1 875	0,1%	0,5%	1 610	0,1%	0,4%
Saída	4 984	0,3%	1,4%	5 098	0,3%	1,4%	5 729	0,3%	1,5%
	2010			2011			2012		
	Número absoluto	%	%	Número absoluto	%	%	Número absoluto	%	%
Total	4 530 583			4 538 347			4 598 919		
Total com pessoal assalariado	2 125 099	100%		2 246 220	100%		2 333 337	100%	
Sobreviventes	1 911 541	90,0%		2 030 178	90,4%		2 126 694	91,1%	
Nascimento	175 017	8,2%		179 406	8,0%		165 028	7,1%	
Reentrada	38 541	1,8%		36 636	1,6%		41 615	1,8%	
Saída	80 255	3,8%		90 653	4,0%		98 055	4,2%	
Empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas	1 702 173	80,1%	100%	1 798 478	80,1%	100%	1 868 369	80,1%	100%
Sobreviventes	1 505 752	70,9%	88,5%	1 599 874	71,2%	89,0%	1 678 019	71,9%	89,8%
Nascimento	159 783	7,5%	9,4%	163 592	7,3%	9,1%	150 574	6,5%	8,1%
Reentrada	36 638	1,7%	2,2%	35 012	1,6%	1,9%	39 776	1,7%	2,1%
Saída	75 401	3,5%	4,4%	85 137	3,8%	4,7%	92 474	4,0%	4,9%
Empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas	422 926	19,9%	100%	447 742	19,9%	100%	464 968	19,9%	100%
Sobreviventes	405 789	19,1%	95,9%	430 304	19,2%	96,1%	448 675	19,2%	96,5%
Nascimento	15 234	0,7%	3,6%	15 814	0,7%	3,5%	14 454	0,6%	3,1%
Reentrada	1 903	0,1%	0,4%	1 624	0,1%	0,4%	1 839	0,1%	0,4%
Saída	4 854	0,2%	1,1%	5 516	0,2%	1,2%	5 581	0,2%	1,2%
	2013			2014					
	Número absoluto	%	%	Número absoluto	%	%			
Total	4 775 098			4 557 411					
Total com pessoal assalariado	2 417 418	100%		2 478 807	100%				
Sobreviventes	2 213 924	91,6%		2 279 552	92,0%				
Nascimento	168 581	7,0%		167 949	6,8%				
Reentrada	34 913	1,4%		31 306	1,3%				
Saída	90 752	3,8%		113 045	4,6%				
Empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas	1 938 181	80,2%	100%	1 989 982	80,3%	100%			
Sobreviventes	1 750 517	72,4%	90,3%	1 804 978	72,8%	90,7%			
Nascimento	154 421	6,4%	8,0%	155 530	6,3%	7,8%			
Reentrada	33 243	1,4%	1,7%	29 474	1,2%	1,5%			
Saída	84 324	3,5%	4,4%	106 165	4,3%	5,3%			
Empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas	479 237	19,8%	100%	488 825	19,7%	100%			
Sobreviventes	463 407	19,2%	96,7%	474 574	19,1%	97,1%			
Nascimento	14 160	0,6%	3,0%	12 419	0,5%	2,5%			
Reentrada	1 670	0,1%	0,3%	1 832	0,1%	0,4%			
Saída	6 428	0,3%	1,3%	6 880	0,3%	1,4%			

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas 2007 a 2014*.

As empresas que têm de 1 a 9 trabalhadores representam em média para o período analisado 80% do total de empresas com pessoal assalariado. Em 2007 eram 1.430.363 unidades, em 2014 eram 1.989.982 unidades. Nota-se que as empresas de menor tamanho apresentam alta representatividade no número total de empresas com pessoal ocupado assalariado da economia em comparação com a outra faixa de tamanho de 10 ou mais trabalhadores.

O Gráfico III.1.1.1 nos mostra a evolução do número de empresas por faixa de tamanho ao longo do período analisado. Em geral o número de empresas aumentou de 2007 a 2014, um crescimento de 39% e manteve a alta representatividade das faixas de tamanho com 1 a 9 trabalhadores em relação às faixas com 10 ou mais trabalhadores.

Gráfico III.1.1.1 - Evolução das empresas por faixa de tamanho, em milhares.

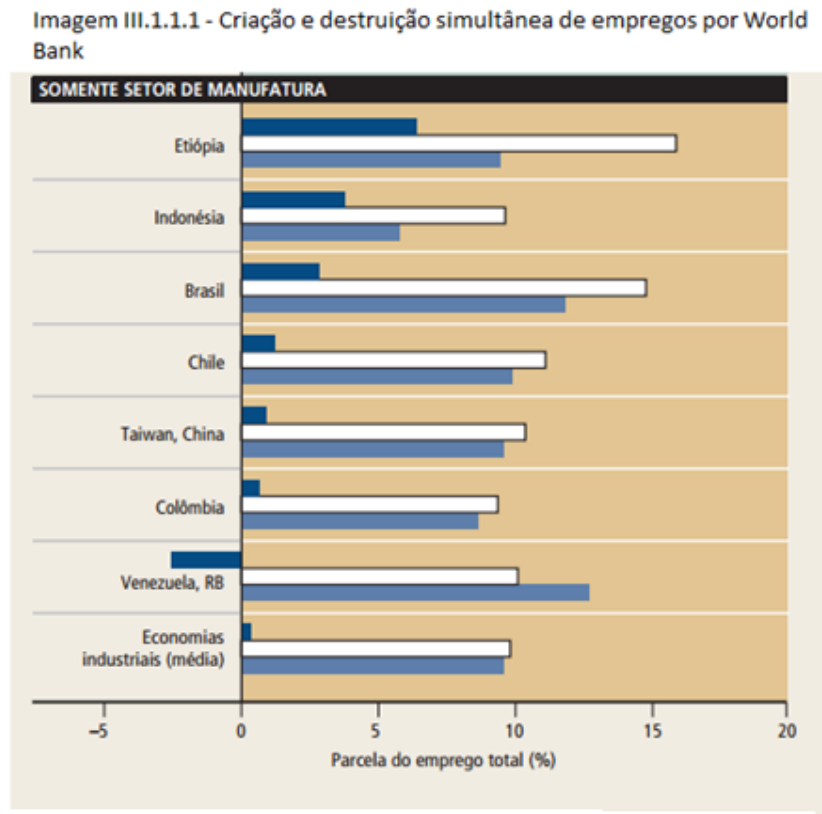


Fonte: Gráfico de elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas*, 2007 a 2014.

Em média a entrada representa 11% das empresas na faixa de 1 a 9 trabalhadores, enquanto nas empresas com 10 ou mais a entrada representa apenas 4% na faixa de tamanho. A entrada nas faixas menores se mostra muito mais significativa do que nas faixas maiores. Em relação a saída, nota-se que nas empresas de 1 a 9, a mortalidade representa em média 5% das empresas nessa faixa e nas de 10 ou mais em média 1%. Em relação ao total representam 4% e 0,3% respectivamente, evidenciando que não só a entrada se mostra mais significativa nas faixas menores como também a saída.

A pergunta que podemos nos fazer é se a entrada de novas empresas tem impacto significativo na criação de empregos. Vimos que o número de empresas que nascem e também que morrem é maior na faixa de tamanho de 1 a 9 trabalhadores, e também, que essa faixa representa a maior parte das empresas em geral. A criação de novos postos de emprego também

é significativa nessa faixa? Existe um alto impacto dos novos postos em relação ao pessoal ocupado assalariado total?



Fonte: World Bank, *World Development Report on Jobs*, 2013.

Nota: A coluna azul escura mostra a criação líquida de emprego, a coluna branca indica a criação bruta de emprego e a coluna azul clara indica a destruição bruta do emprego.

O World Bank (2013) encontrou que a criação e destruição de empregos é um fator relevante para diversas economias em desenvolvimento. Ao analisar somente o setor de manufatura, encontra que o Brasil é o segundo país com maior criação bruta de emprego e o terceiro maior na criação líquida do emprego em comparação com o Chile, China, Colômbia, Etiópia, Indonésia, Venezuela e com as Economias Industriais. A Imagem III.1.1.1 foi retirada do Estudo e mostra os resultados encontrados para os países em desenvolvimento. A coluna azul escura mostra a criação líquida de emprego, a coluna branca indica a criação bruta de emprego e a coluna azul clara indica a destruição bruta do emprego.

Tabela III.1.1.2 - Pessoal ocupado assalariado por faixa de pessoal ocupado assalariado, Brasil, 2007-2014.

	2007			2008			2009		
	Número absoluto	%	%	Número absoluto	%	%	Número absoluto	%	%
Total	25 376 180	100%		26 978 086	100%		28 238 708	100%	
Sobreviventes	24 519 425	96,6%		26 160 232	97,0%		27 373 575	96,9%	
Entrada	856 755	3,4%		817 854	3,0%		865 133	3,1%	
Nascimento	626 352	2,5%		686 445	2,5%		747 348	2,6%	
Reentrada	230 403	0,9%		131 409	0,5%		117 785	0,4%	
Saída	345 093	1,4%		414 908	1,5%		452 208	1,6%	
Empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas	4 382 321	17,3%	100%	4 626 315	17,1%	100%	4 880 981	17,3%	100%
Sobreviventes	3 999 049	15,8%	91,3%	4 227 192	15,7%	91,4%	4 457 768	15,8%	91,3%
Entrada	383 272	1,6%	8,7%	399 123	1,5%	8,6%	423 213	1,5%	8,7%
Nascimento	268 519	1,1%	6,1%	321 742	1,2%	7,0%	353 406	1,3%	7,2%
Reentrada	114 753	0,5%	2,6%	77 381	0,3%	1,7%	69 807	0,2%	1,4%
Saída	155 096	0,6%	3,5%	161 606	0,6%	3,5%	179 688	0,6%	3,7%
Empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas	20 993 859	82,7%	100%	22 351 771	82,9%	100%	23 357 727	82,7%	100%
Sobreviventes	20 520 376	80,9%	97,7%	21 933 040	81,3%	98,1%	22 915 807	81,2%	98,1%
Entrada	473 483	1,9%	2,3%	418 731	1,6%	1,9%	441 920	1,6%	1,9%
Nascimento	357 833	1,4%	1,7%	364 703	1,4%	1,6%	393 942	1,4%	1,7%
Reentrada	115 650	0,5%	0,6%	54 028	0,2%	0,2%	47 978	0,2%	0,2%
Saída	189 997	0,7%	0,9%	253 302	0,9%	1,1%	272 520	1,0%	1,2%
	2010			2011			2012		
	Número absoluto	%	%	Número absoluto	%	%	Número absoluto	%	%
Total	30 821 123	100%		32 706 200	100%		33 915 323	100%	
Sobreviventes	29 797 370	96,7%		31 726 069	97,0%		32 964 847	97,2%	
Entrada	1 023 753	3,3%		980 131	3,0%		950 476	2,8%	
Nascimento	882 454	2,9%		857 019	2,6%		810 676	2,4%	
Reentrada	141 299	0,5%		123 112	0,4%		139 800	0,4%	
Saída	161 209	0,5%		178 701	0,5%		183 089	0,5%	
Empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas	5 236 230	17,0%	100%	5 555 290	17,0%	100%	5 814 248	17,1%	100%
Sobreviventes	4 763 518	15,5%	91,0%	5 075 316	15,5%	91,4%	5 352 231	15,8%	92,1%
Entrada	472 712	1,5%	9,0%	479 974	1,5%	8,6%	462 017	1,4%	7,9%
Nascimento	391 369	1,3%	7,5%	404 596	1,2%	7,3%	379 112	1,1%	6,5%
Reentrada	81 343	0,3%	1,6%	75 378	0,2%	1,4%	82 905	0,2%	1,4%
Saída	202 639	0,7%	3,9%	231 706	0,7%	4,2%	269 993	0,8%	4,6%
Empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas	25 584 893	83,0%	100%	27 150 910	83,0%	100%	28 101 075	82,9%	100%
Sobreviventes	25 033 852	81,2%	97,8%	26 650 753	81,5%	98,2%	27 612 616	81,4%	98,3%
Entrada	551 041	1,8%	2,2%	500 157	1,5%	1,8%	488 459	1,4%	1,7%
Nascimento	491 085	1,6%	1,9%	452 423	1,4%	1,7%	431 564	1,3%	1,5%
Reentrada	59 956	0,2%	0,2%	47 734	0,1%	0,2%	56 895	0,2%	0,2%
Saída	202 639	0,7%	0,8%	231 706	0,7%	0,9%	269 993	0,8%	1,0%
	2013			2014					
	Número absoluto	%	%	Número absoluto	%	%			
Total	35 050 524	100%		35 220 894	100%				
Sobreviventes	34 162 830	97,5%		34 373 780	97,6%				
Entrada	887 694	2,5%		847 114	2,4%				
Saída	182 027	0,5%		525 652	1,5%				
Empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas	6 039 446	17,2%	100%	6 210 145	17,6%	100%			
Sobreviventes	5 582 319	15,9%	92,4%	5 770 464	16,4%	92,9%			
Entrada	457 127	1,3%	7,6%	439 681	1,2%	7,1%			
Saída	342 132	1,0%	5,7%	221 800	0,6%	3,6%			
Empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas	29 011 078	82,8%	100%	29 010 749	82,4%	100%			
Sobreviventes	28 580 511	81,5%	98,5%	28 603 316	81,2%	98,6%			
Entrada	430 567	1,2%	1,5%	407 433	1,2%	1,4%			
Saída	342 132	1,0%	1,2%	303 852	0,9%	1,0%			

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas 2007 a 2014*.

Fazendo a análise para o Brasil, ano a ano, como nos mostra a Tabela III.1.1.2 temos que em 2007 haviam 25.376.180 pessoas ocupadas assalariadas na economia, 17,3% estavam alocadas em empresas de menor porte enquanto 82,7% estavam alocadas em empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas. Foram criados 856.755 novos postos de trabalho com a entrada de empresas, 3,4% do total do pessoal ocupado assalariado foram novos postos criados em 2007. Dentro da faixa de 1 a 9 pessoas ocupadas assalariadas, 8,7% eram postos de trabalhos criados pela entrada e na faixa com 10 ou mais foram 2,3%. A saída representou 1,4% do pessoal ocupado assalariado, foram destruídos 345.093 postos de trabalho no período.

Em 2008 haviam 26.978.086 pessoas ocupadas assalariadas, 6,3% a mais do que em 2007. Dessas pessoas 17,1% estavam alocadas nas empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas e 82,9% nas empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas. Em 2008 a proporção do pessoal ocupado nas empresas de maior porte aumentou. Foram criados 817.854 novos postos de trabalho com a entrada de empresas, um pouco menos do que em 2007, 3,0% do total do pessoal ocupado assalariado foram novos postos criados no ano. Dentro da faixa de 1 a 9 pessoas ocupadas assalariadas, 8,6% eram postos de trabalhos criados pela entrada e na faixa com 10 ou mais foram 1,9%. A saída total representou a perda 1,5% do pessoal ocupado total, 3,5% dos postos na faixa de 1 a 9 trabalhadores e 1,1% na faixa de 10 ou mais.

Em 2009 haviam 28.238.708 pessoas ocupadas assalariadas, 4,7% a mais do que em 2008. Dessas pessoas 17,3% estavam alocadas nas empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas e 82,7% nas empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas mesma proporção que existia em 2007. Foram criados 865.133 novos postos de trabalho com a entrada de empresas, 3,1% do total do pessoal ocupado assalariado foram novos postos criados no ano. O número unitário de postos criados foi maior, porém, a proporção em relação ao total não aumentou significativamente. Dentro da faixa de 1 a 9 pessoas ocupadas assalariadas, 8,7% eram postos de trabalhos criados pela entrada e na faixa com 10 ou mais foram 1,9%. A saída representou 1,6% dos postos de trabalho perdidos, 452.208 empregos a menos para o ano.

Em 2010 haviam 30.821.123 pessoas ocupadas assalariadas, 9,1% a mais do que em 2009 o maior crescimento em comparação ao ano anterior até então. Dessas pessoas 17,0% estavam alocadas nas empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas e 83,0 % nas empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas. Foram criados 1.023.753 novos postos de trabalho com a entrada de empresas, o maior número unitário de entrada para todos os anos analisados, 3,3% do total do pessoal ocupado assalariado foram novos postos criados no ano. Dentro da faixa de 1 a 9 pessoas ocupadas assalariadas, 9,0% eram postos de trabalhos criados pela entrada e na faixa

com 10 ou mais foram 2,2%. A saída representou apenas 0,5% dos postos de trabalho perdidos, uma representação no total muito menor do que nos anos anteriores. No total são 161.209 empregos a menos em 2010.

Em 2011 haviam 32.706.200 pessoas ocupadas assalariadas, 6,1% a mais do que em 2010. Dessas pessoas 17,0% estavam alocadas nas empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas e 83,0% nas empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas mesma distribuição do ano anterior. Foram criados 980.131 novos postos de trabalho com a entrada de empresas, 3,0% do total do pessoal ocupado assalariado foram novos postos criados no ano. Dentro da faixa de 1 a 9 pessoas ocupadas assalariadas, 8,6% eram postos de trabalhos criados pela entrada e na faixa com 10 ou mais foram 1,8%. A saída continuou relativamente baixa, apenas 0,5% dos postos de trabalho perdidos. No total são 178.701 empregos a menos em 2011.

Em 2012 haviam 33.915.323 pessoas ocupadas assalariadas, 3,7% a mais do que em 2011 o menor crescimento de um ano para o outro desde 2007. Dessas pessoas 17,1% estavam alocadas nas empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas e 82,9% nas empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas. Foram criados 950.476 novos postos de trabalho com a entrada de empresas, 2,8% do total do pessoal ocupado assalariado foram novos postos criados no ano, entrada menor do que nos anos anteriores. Dentro da faixa de 1 a 9 pessoas ocupadas assalariadas, 7,9% eram postos de trabalhos criados pela entrada e na faixa com 10 ou mais foram 1,7%. A saída continuou relativamente baixa com 0,5% dos postos de trabalho perdidos. No total são 183.089 empregos a menos em 2012.

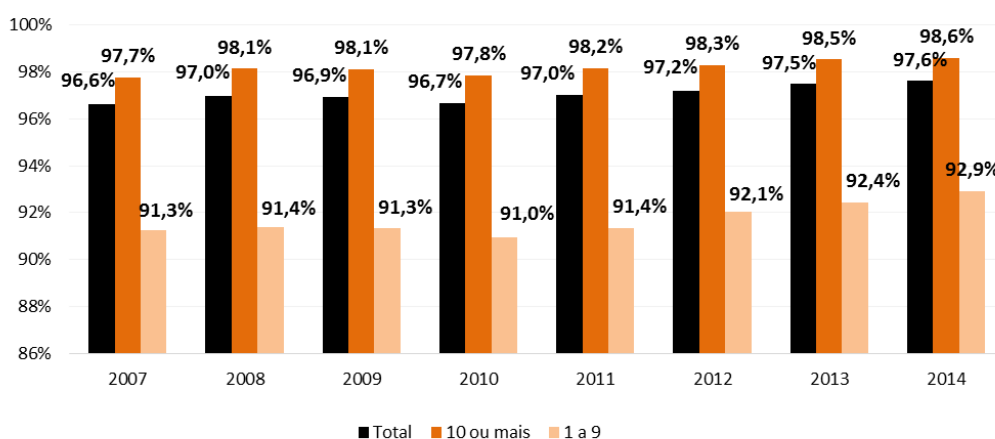
Em 2013, haviam 35.050.524, ou seja, 3,3% a mais que no ano anterior e 38,1% a mais do que em 2007. Esse ano 17,2% do pessoal ocupado assalariado estava alocado na faixa de 1 a 9 e 82,8% na faixa com 10 ou mais. Foram criados 887.694 novos postos de trabalho esse ano e destruídos 182.027. Dentro da faixa de 1 a 9 pessoas ocupadas assalariadas, 7,6% eram postos de trabalhos criados pela entrada e na faixa com 10 ou mais foram 1,5%. A saída continuou relativamente baixa com 0,5% dos postos de trabalho perdidos. No total são 182.027 empregos a menos em 2013.

Em 2014, haviam 35.220.894, ou seja, 0,5% a mais que no ano anterior e 38,8% a mais do que em 2007. Esse ano 17,6% do pessoal ocupado assalariado estava alocado na faixa de 1 a 9 e 82,4% na faixa com 10 ou mais. Foram criados 847.114 novos postos de trabalho esse ano e destruídos 525.652. Dentro da faixa de 1 a 9 pessoas ocupadas assalariadas, 7,1% eram postos

de trabalhos criados pela entrada e na faixa com 10 ou mais foram 1,4%. A saída contribuiu com com 1,5% dos postos de trabalho perdidos.

O Gráfico III.1.1.2 mantém com base 100 o cenário real com a entrada de novas empresas e compara com o cenário sem entrada. O impacto no pessoal ocupado assalariado seria significativo para a economia como um todo e principalmente para o pessoal ocupado assalariado nas menores faixas de tamanho se não houvesse entrada de novas empresas.

Gráfico III.1.1.2 - Comparação do pessoal ocupado assalariado sem a entrada de novas empresas, Brasil - 2007 a 2014.



Fonte: Gráfico de elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas*, 2007 a 2014.

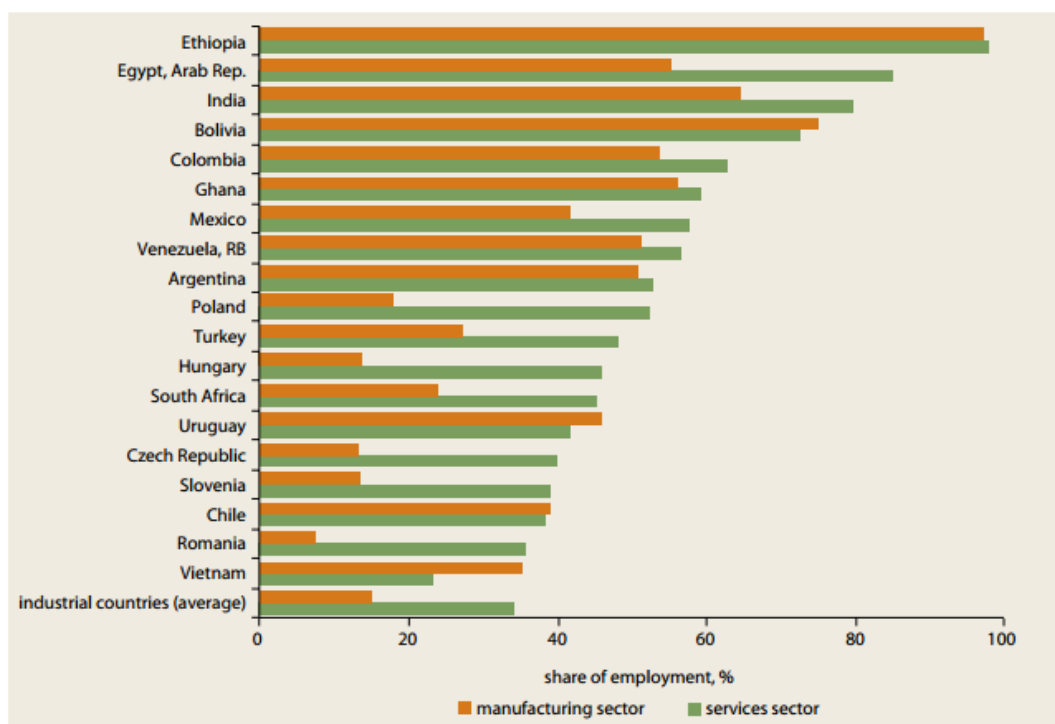
Para o período como um todo, em relação ao número de pessoal ocupado assalariado dessas empresas, vemos que na faixa de 1 a 9 trabalhadores as empresas que entram representam em média 8% do pessoal ocupado assalariado da faixa e as que morrem 4% para o período como um todo. Nas empresas com 10 ou mais trabalhadores esses valores são de 2% e 1% respectivamente. As empresas que têm de 1 a 9 trabalhadores representam em média 17% do número absoluto de pessoas assalariadas nos anos de 2007 a 2014, contra a representação média de 83% das empresas com 10 ou mais empregados.

Quando analisamos as sobreviventes, podemos notar que as empresas de menor porte sobrevivem bem menos que as empresas maiores, representam apenas em média 16% do total para o período. Assim, do número absoluto de empresas existentes em 2013, 16,4% eram empresas sobreviventes da faixa de 1 a 9 e 81,2% pertenciam a faixa de 10 ou mais, totalizando um total de 97,6% de sobreviventes da economia.

A Tabela III.1.1.2 mostra que a participação do total das empresas entrantes representa em média 9% do total de empresas e 3% do pessoal assalariado. A faixa de 1 a 9 pessoas, que representa, em média, 80% das empresas e 17% do pessoal ocupado assalariado no período tem 11% das empresas e 8% do pessoal ocupado assalariado oriundos da entrada.

O estudo do World Bank (2012) encontra que a porcentagem do pessoal ocupado alocado nas pequenas empresas é maior em países em desenvolvimento. A Figura III.1.1.2 mostra que as pequenas empresas são responsáveis por 97% do pessoal ocupado assalariado no setor de manufatura para a Etiópia. Até mesmo nos países do Leste Europeu as pequenas empresas são responsáveis por 10% a 20% do pessoal ocupado na manufatura e 30% a 50% no setor de serviços. No gráfico a coluna laranja identifica a porcentagem do pessoal ocupado pelas pequenas empresas na manufatura e a cor verde no setor de serviços.

Figura III.1.1.2 - A porcentagem de emprego nas pequenas empresas é maior nos países em desenvolvimento.



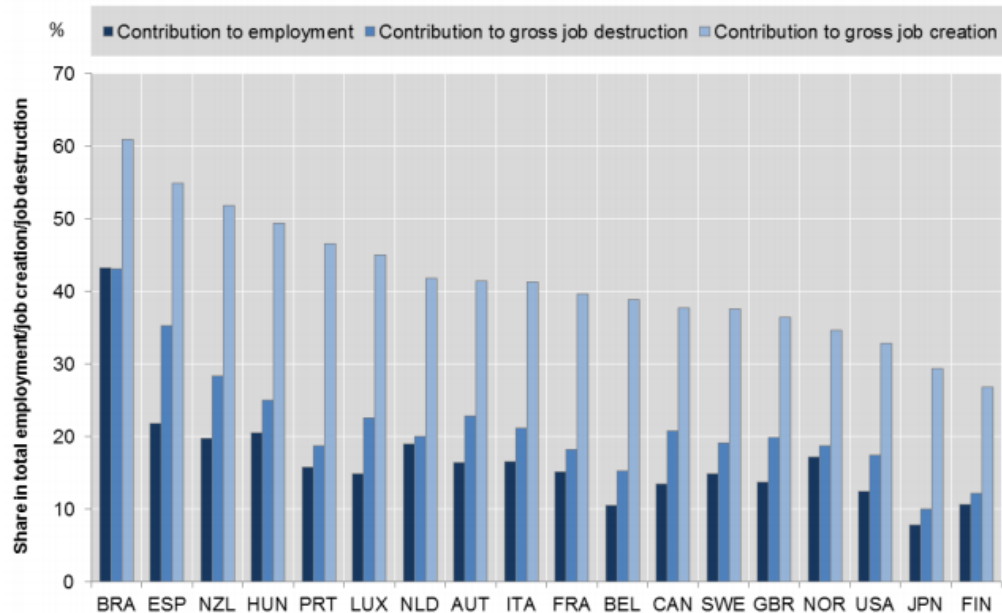
Fonte: World Bank, World Development Report, 2013.

Nota: Estimativas do World Development Report, 2013 e EUROSTAT. As pequenas empresas são empresas, formais ou informais, com menos de 10 trabalhadores. Os dados para os países em desenvolvimento são da Argentina (2006-10), Bolívia (2005, 2007), Chile (2006, 2009), Colômbia (2009), República Tcheca (2005-07), República Árabe do Egípto (2006), Etiópia (1999), Gana (1991), Hungria (2007-08), Índia (2004, 2009) México (2004-10), Polónia (2005-07), Roménia (2005-07), Eslovénia (2005-07), África do Sul (2005-07), Turquia (2006-10), Uruguai (2009), República Bolivariana da Venezuela e Vietnã (2009). Os dados relativos aos países industrializados são provenientes da Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Alemanha, Grécia, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Noruega, Portugal e o Reino Unido durante 2005-07.

O estudo de Criscuolo, Gal e Menon (2014) mostra que a criação de emprego por meio das pequenas empresas é desproporcional entre os países. As colunas em azul escuro se referem à contribuição para o emprego, o azul um pouco mais claro para a criação bruta do emprego e

a azul clara que a criação bruta de emprego entre 2001 a 2011. A Figura III.1.1.4 mostra que o Brasil apresenta uma taxa de criação bruta de emprego bem mais elevada do que os outros países analisados.

Figura III.1.1.4 - Emprego, criação bruta de emprego e destruição bruta de emprego por parte das pequenas e médias empresas, 2001-11.

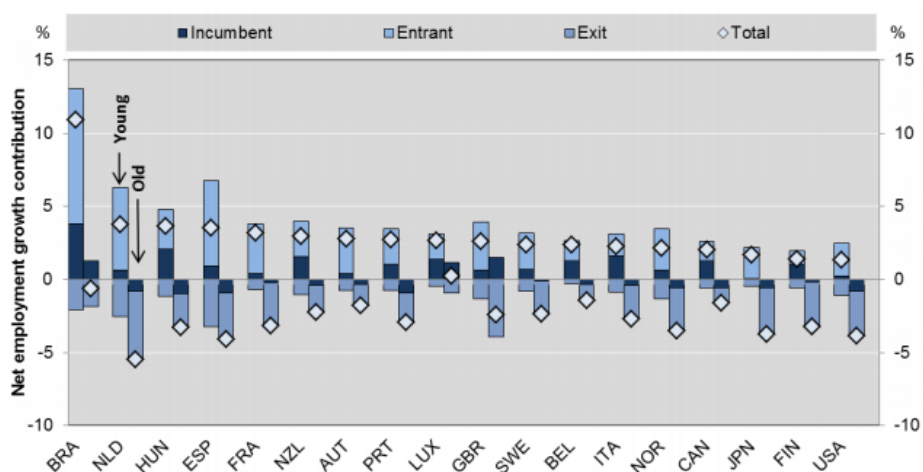


Fonte: The Dynamics of Employment Growth: New Evidence from 18 Countries, 2014.

Nota: O gráfico apresenta a contribuição para o emprego total, a criação bruta de emprego e a destruição de postos de trabalho médio por parte das empresas nos grupos em todos os anos e países disponíveis. O período coberto é de 2001 a 2011 para a Bélgica, Canadá, Finlândia, Hungria, Países Baixos, Reino Unido e Estados Unidos; 2001-2010 para a Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suécia; 2001-2009 para o Canadá, Japão e Nova Zelândia; 2001-2007 para a França; e 2006-2011 para Portugal. Setores incluídos são: fabricação, construção e serviços de negócios não-financeiros. Devido a diferenças metodológicas, os dados podem divergir das estatísticas nacionais publicadas oficialmente. Para o Japão os dados estão no nível do estabelecimento e para outros países no nível da empresa. Os dados relativos ao Canadá referem-se apenas às alterações orgânicas do emprego e aquisição.

O mesmo estudo também analisa o papel da entrada no crescimento do pessoal ocupado, na análise é possível perceber que a entrada é um fator crucial para a criação de emprego nas empresas novas na economia, exceto para a Itália e Finlândia no período de análise. A primeira coluna para cada país representa as empresas jovens, com até 5 anos no mercado e a segunda coluna as empresas com 6 ou mais anos. A cor azul escura se refere às empresas já existentes, a azul clara às empresas que entram, a cor azul-roxeadado representa a saída e o branco é o total. O Brasil é o país que apresenta maior contribuição da entrada da criação de emprego entre 2001 e 2011.

Tabela III.1.1.5 - As empresas jovens contribuem mais para o crescimento agregado do emprego



Fonte: The Dynamics of Employment Growth; New Evidence from 18 Countries, 2014.

Nota: As contribuições são calculadas como a criação líquida de emprego pelo grupo sobre o emprego total no setor de Serviços de negócios e construção. As empresas jovens têm 5 anos de idade ou menos, as empresas mais velhas tem no mínimo 6 anos de idade. As médias foram calculadas em todos os anos disponíveis. O período coberto é 2001-2011 para a Bélgica, Canadá, Finlândia, Hungria, Países Baixos, Reino Unido e Estados Unidos; 2001-2010 para a Áustria, Brasil, Espanha, Itália, Luxemburgo, Noruega e Suécia; 2001-2009 para o Japão ea Nova Zelândia; 2001-2007 para a França; E 2006-2011 para Portugal. Devido à diferenças na metodologia, os dados podem divergir das estatísticas nacionais publicadas oficialmente.

A entrada tem um forte papel na criação de novos postos de trabalho, principalmente pela via de entrada das pequenas empresas na economia, em todos os anos de análise. Esse fator nos leva a considerar que é interessante entender como essas empresas afetam o salário dos trabalhadores. Além disso podemos observar que as pequenas empresas são as maiores responsáveis para a criação de postos de trabalho em diversos países, e esse fator é relativamente mais relevante no Brasil que apresenta dados significativos em comparação com os outros países.

Tabela III.1.1.3 - Média do número de empresas e pessoal ocupado assalariado por faixa de pessoal ocupado assalariado, Brasil, 2007-2014.

	Número de empresas		Pessoal ocupado assalariado	
Total com pessoal assalariado	100%		100%	
Sobreviventes	91%		97%	
Entrada	9%		3%	
Saída	4%		1%	
Empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas	80%	100%	17%	100%
Sobreviventes	72%	89%	16%	92%
Entrada	9%	11%	1%	8%
Saída	4%	5%	1%	4%
Empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas	20%	100%	83%	100%
Sobreviventes	19%	96%	81%	98%
Entrada	1%	4%	2%	2%
Saída	0%	1%	1%	1%

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas 2007 a 2014*.

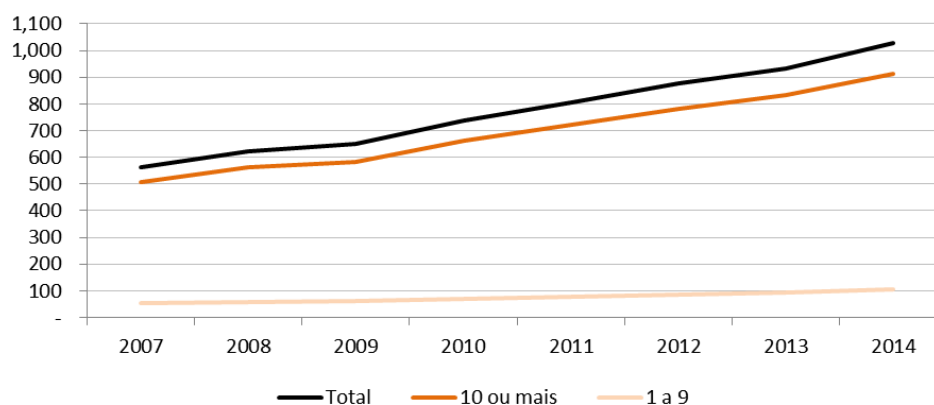
III.1.2 – Salário Médio.

O cálculo do salário médio foi feito a partir da divisão do salário agregado por pessoal ocupado, segregado por setor e tamanho. Para comparação, o salário foi deflacionado pelo IPC com base em dezembro de 2014.

Em 2007, a massa salarial da economia era de R\$563 bilhões, cresceu 11% em 2008 chegando aos R\$624 bilhões. Em 2009 a massa cresce bem menos que no ano anterior, chega no valor de R\$651 bilhões, apenas 4% a mais. Em 2010 o salário retoma seu crescimento chegando no valor de R\$807 bilhões, 13% a mais que em 2009. Em 2011 o valor da massa salarial continua crescendo, 10% a mais que em 2010 batendo os R\$807 bilhões e crescendo 43% em relação à 2007. O ano de 2012 a massa salarial foi de R\$876 bilhões, 9% a mais que no ano anterior. Em 2013 a massa salarial foi de R\$932, 6% a mais que o ano anterior. No último ano da análise, a massa salarial chegou a R\$1.028 trilhão, 10% a mais que em 2013 e 82% a mais que em 2007.

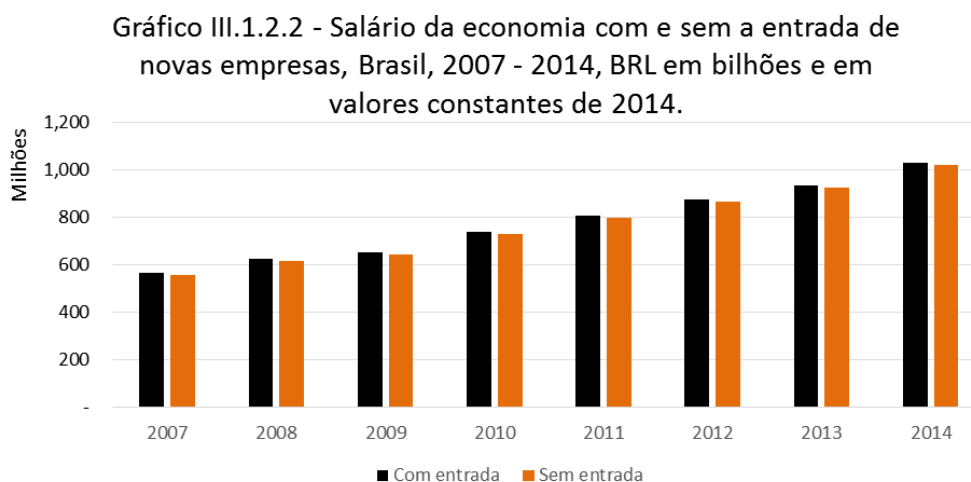
O Gráfico III.1.2 mostra a evolução da massa salarial de 2007 a 2014 e segrega pela faixa de 1 a 9 pessoas assalariadas e 10 ou mais pessoas assalariadas. Podemos perceber o valor do salário é muito maior nas empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas. Essa diferença é esperada pois existe um número maior de empresas e funcionários nessa faixa, mas, se fizermos a comparação do salário médio de cada trabalhador, existiria alguma diferença de remuneração dos funcionários entre as faixas de tamanho de empresa?

Gráfico III.1.2.1 - Salário da economia, Brasil, 2007 - 2014, BRL em bilhões e em valores constantes de 2014.



Fonte: Gráfico de elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas*, 2007 a 2014.

Além da diferença entre as faixas de tamanho, podemos separar a massa salarial com a entrada de empresas e sem a entrada de empresas, isso está no Gráfico III.1.2.2. A diferença com a entrada, na massa salarial como um todo para os anos analisados é em média 1,1% a mais na massa salarial do que se não houvesse entrada de nenhuma empresa. Em 2007 a massa salarial seria de R\$556 bilhões, R\$ 7 bilhões a menos do que se houvesse entrada de novas empresas diferença de 1,3% do valor com a entrada. Em 2014 a massa salarial seria de R\$1.019 bilhões sem a entrada de novas empresas, R\$ 9 bilhões a menos, uma diferença de 0,9% do valor com a entrada. Ainda que exista diferença na massa salarial, podemos notar que a entrada de novas empresas não tem um alto impacto positivo na massa salarial da economia como um todo. Não agrega valor de forma significativa. A outra pergunta que surge dessa análise é, será que o salário médio da entrada de novas empresas é menor do que o salário médio do pessoal ocupado das empresas sobreviventes?



Fonte: Gráfico de elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas*, 2007 a 2014.

A Tabela III.1.2.1 mostra o salário médio ao longo dos últimos anos. De 2007 a 2014, que teve um crescimento real de 31% passando de R\$22.205 reais para R\$29.196 reais ao ano um crescimento relativamente baixo. Para facilitar o entendimento dividimos o valor agregado por 13 considerando os 12 meses de salário recebido e o décimo terceiro para considerar a remuneração média mensal dos assalariados.

Tabela III.1.2.1 - Salário médio por faixa de pessoal ocupado assalariado, valores constantes de 2014, Brasil, 2007-2014.

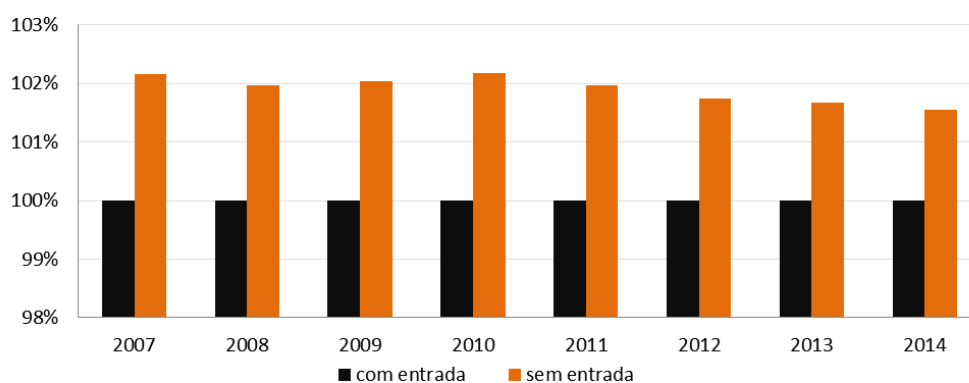
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Total com pessoal assalariado	R\$ 22.205	R\$ 23.131	R\$ 23.061	R\$ 23.898	R\$ 24.678	R\$ 25.827	R\$ 26.604	R\$ 29.196
Sobreviventes	R\$ 22.687	R\$ 23.586	R\$ 23.532	R\$ 24.417	R\$ 25.166	R\$ 26.279	R\$ 27.047	R\$ 29.648
Nascimento	R\$ 7.412	R\$ 7.950	R\$ 7.440	R\$ 8.023	R\$ 8.478	R\$ 9.287	R\$ 9.065	R\$ 10.250
Reentrada	R\$ 11.156	R\$ 11.964	R\$ 12.694	R\$ 13.621	R\$ 11.767	R\$ 15.090	R\$ 13.031	R\$ 14.528
Saída	R\$ 23.101	R\$ 21.666	R\$ 28.210	R\$ 23.693	R\$ 24.170	R\$ 22.839	R\$ 27.966	R\$ 26.638
Empresas com 1 a 9 pessoas assalariadas	R\$ 12.227	R\$ 12.564	R\$ 13.028	R\$ 13.416	R\$ 14.042	R\$ 15.065	R\$ 15.650	R\$ 17.271
Sobreviventes	R\$ 12.738	R\$ 13.103	R\$ 13.614	R\$ 14.050	R\$ 14.647	R\$ 15.662	R\$ 16.266	R\$ 17.913
Nascimento	R\$ 5.642	R\$ 6.048	R\$ 6.196	R\$ 6.354	R\$ 6.968	R\$ 7.486	R\$ 7.587	R\$ 8.290
Reentrada	R\$ 9.836	R\$ 10.206	R\$ 10.219	R\$ 10.269	R\$ 11.301	R\$ 11.135	R\$ 11.177	R\$ 12.127
Saída	R\$ 13.044	R\$ 14.691	R\$ 13.492	R\$ 14.045	R\$ 13.574	R\$ 14.331	R\$ 16.156	R\$ 16.724
Empresas com 10 ou mais pessoas assalariadas	R\$ 24.077	R\$ 25.096	R\$ 24.890	R\$ 25.822	R\$ 26.648	R\$ 27.801	R\$ 28.657	R\$ 31.460
Sobreviventes	R\$ 24.419	R\$ 25.389	R\$ 25.199	R\$ 26.174	R\$ 26.970	R\$ 28.091	R\$ 28.932	R\$ 31.733
Nascimento	R\$ 8.421	R\$ 9.201	R\$ 8.144	R\$ 8.958	R\$ 9.365	R\$ 10.377	R\$ 10.024	R\$ 11.716
Reentrada	R\$ 11.737	R\$ 13.172	R\$ 14.752	R\$ 16.985	R\$ 10.967	R\$ 19.549	R\$ 14.449	R\$ 16.015
Saída	R\$ 19.165	R\$ 18.095	R\$ 26.796	R\$ 18.579	R\$ 21.145	R\$ 19.103	R\$ 23.043	R\$ 22.699

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas 2007 a 2014*.

O Gráfico III.1.2.3 compara o salário médio mensal com e sem a entrada de novas empresas. Consideramos que o salário médio mensal com a entrada é o valor de 100% e vemos qual a diferença do salário médio sem a entrada. O gráfico nos mostra que em todos os anos a entrada de novas empresas contribui negativamente para o salário médio mensal. Se não houvesse entrada o valor seria em média 2% maior todo os anos.

Em 2007 o salário médio mensal era no valor de R\$1.708 sem a entrada de novas empresas seria R\$1.745 em torno de 2,2% a mais. Em 2008 o salário médio mensal era no valor de R\$1.779 sem a entrada de novas empresas seria R\$1.814 em torno de 2,0% a mais. O crescimento do salário com a entrada foi maior, 4,2%, que o crescimento do salário sem a entrada, 4,0%. Em 2009 o salário era de R\$1.774 sem a entrada seria de R\$1.810 valor a diferença continua sendo de 2% sem a entrada podem 2009 foi o único ano da série que o salário médio mensal caiu em comparação ao ano anterior. Em 2010 o salário era de R\$1.838 e sem a entrada seria de R\$1.878 um valor de 2,2% a mais para os trabalhadores. Em 2011 o salário era de R\$1.898 e sem a entrada seria de R\$1.936 um valor de 2% a mais no salário médio mensal. Em 2012 o salário era de R\$1.987 e sem a entrada seria de R\$2.021 valor de 1,8% a mais no salário médio mensal. Em 2013 salário era de R\$2.046 sem a entrada seria de R\$2.081 valor de 1,7% a mais no salário médio mensal diferença similar ao ano anterior. E no último ano de análise, 2014, o salário com entrada era de R\$2.246 um crescimento de 9,7% em comparação ao ano anterior mas se não tivesse entrada seria de R\$2.281 um crescimento de 9,6%. O ano de 2014 foi o ano com a menor diferença entre os salários médios com e sem entrada, 1,5% de diferença.

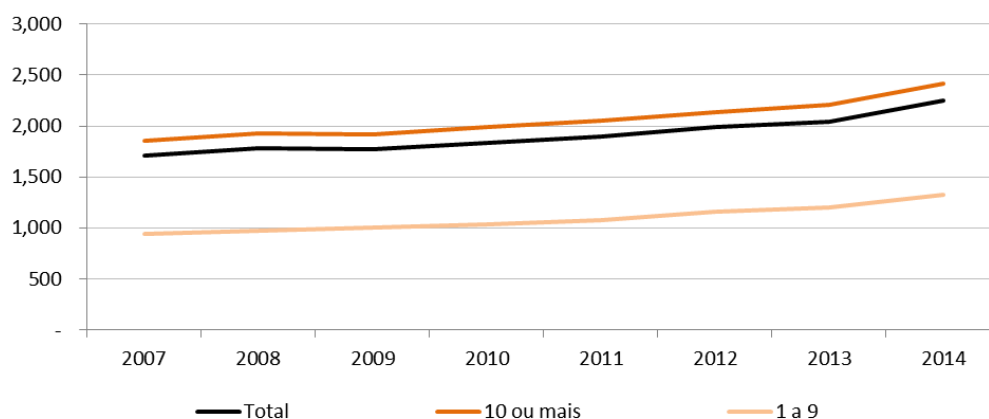
Gráfico III.1.2.3 - Salário médio mensal com e sem entrada, Brasil, 2007 - 2014, BRL em milhares e em valores constantes de 2014.



Fonte: Gráfico de elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas*, 2007 a 2014.

O Gráfico III.1.2.4 mostra a evolução do salário médio no Brasil entre 2007 e 2014 dividido por faixas de tamanho. É possível notar que o salário médio anual por funcionário é maior nas empresas maiores, como observado anteriormente. As empresas menores de fato remuneram um valor inferior seus funcionários, fazendo com que o valor total caia em relação à faixa com 10 ou mais. Vimos anteriormente que as pequenas empresas são um número muito maior na economia do que as grandes empresas, 80% do total e quase 20% do pessoal ocupado assalariado.

Gráfico III.1.2.4 - Salário médio mensal por faixa de tamanho, Brasil, 2007 - 2014, BRL em milhares e em valores constantes de 2014.

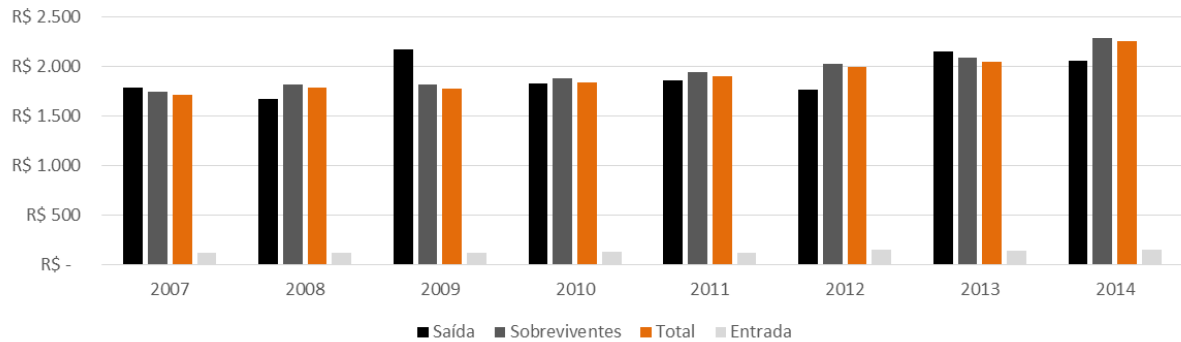


Fonte: Gráfico de elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas*, 2007 a 2014.

O estudo feito pelo Montenegro and Patrinos (2012) encontra que as empresas com mais pessoas ocupadas tendem a remunerar melhor do que as empresas menores. No entanto, nos países em desenvolvimento a massa de pessoas que trabalha em pequenas empresas é relativamente alta. O Gráfico III.1.2.5 compara o salário médio mensal por demografia de empresas, fica claro que o salário das empresas que saem é maior do que o total de salários

médios mensais, maior do que o salário das sobreviventes e das empresas entrantes em 2007, 2009 e 2013. Especialmente em 2009 o salário médio das empresas que saíram era quase quatro vezes maior do que das empresas que nasceram.

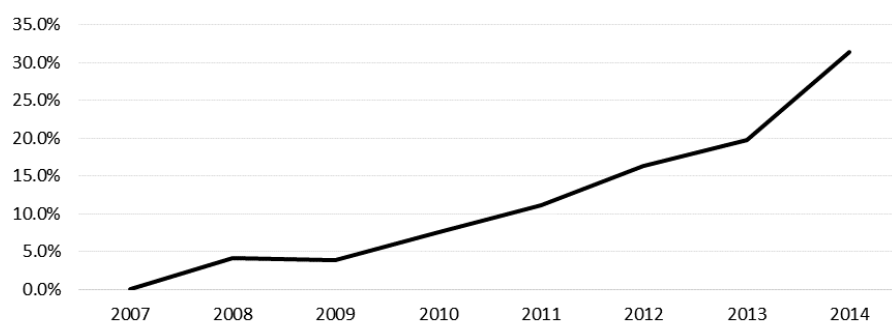
Gráfico III.1.2.5 - Comparação do salário médio mensal por demografia de empresas, Brasil, 2007 - 2014, BRL valores constantes de 2014.



Fonte: Gráfico de elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas*, 2007 a 2014.

Se considerarmos o crescimento do salário médio mensal podemos notar que até 2009 o crescimento foi relativamente baixo. O crescimento se dá gradualmente entre 2010 e 2013 e em 2014 apresenta um aumento significativo. O Gráfico III.1.2.6 nos mostra o crescimento em percentual desde 2007. Entre 2007 e 2009 o crescimento do salário médio total foi de apenas 4% e passa a ser 31,5% em 2014. Para o período em geral, o salário médio mensal não teve um crescimento alto de maneira geral.

Gráfico III.1.2.6 - Crescimento do salário médio mensal, Brasil, 2007 - 2014.



Fonte: Gráfico de elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas*, 2007 a 2014.

Essas informações nos mostram que o crescimento do salário tem sido muito pequeno nos anos analisados e as empresas que nascem e morrem na economia tem um forte impacto para que o salário não cresça no agregado. Além disso como as pequenas empresas são as que têm uma taxa maior de entrada, essas empresas podem estar causando uma redução no número de pessoal ocupado assalariado total e também na remuneração desses funcionários.

III.2 - Dados de entrada e saída por setor.

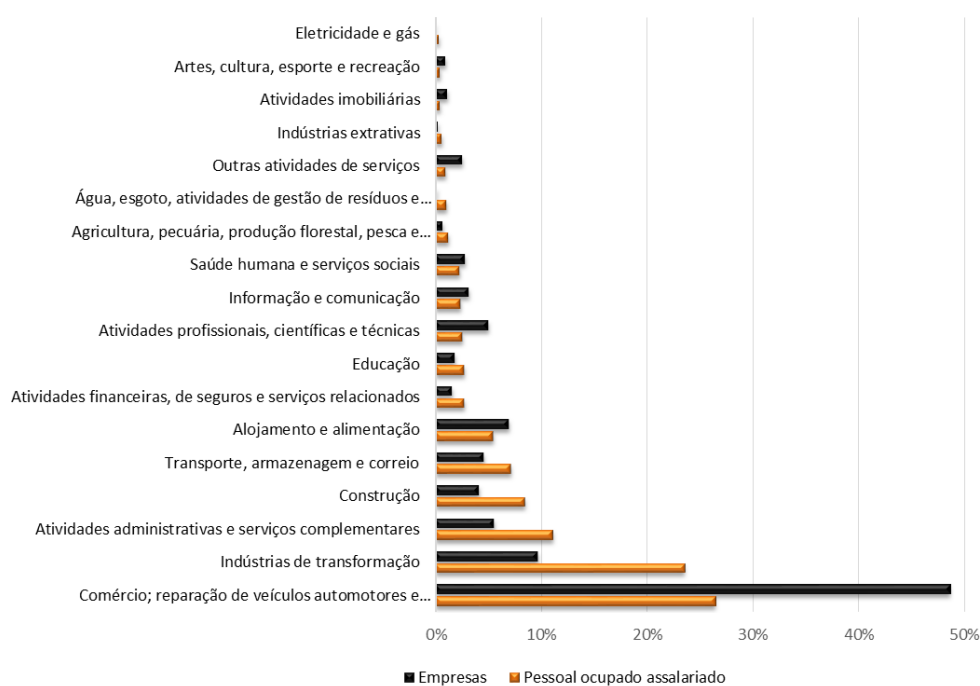
Ao analisar os dados de salário médio dividido por setores da economia e separando os valores com e sem a entrada de novas empresas no cenário obtemos informações importantes sobre o impacto da entrada de empresas para cada setor. A questão principal é se a entrada se dá em segmentos da economia que apresentam baixo salário médio mensal.

A primeira pergunta que podemos nos fazer é em qual setor o fenômeno de entrada é mais significativo? Se tivermos como referência o ponto de vista interno ao setor devemos nos perguntar então qual o percentual de postos de trabalho criados no setor advém de entrantes?

III.2.1 – Números Absolutos.

A primeira questão que deveremos entender é quais são os setores que apresentam maior número de empresas e também o maior número de pessoal ocupado assalariado para os anos abordados. Para facilitar a compreensão iremos retirar dois setores públicos dessa análise, que são *Administração pública, defesa e seguridade social* e *Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais*, pois eles não apresentam resultados significativos para o estudo.

Gráfico III.2.1.1 - Participação média dos setores no número de empresas e no pessoal ocupado assalariado, Brasil, 2007 - 2014.



Fonte: Gráfico de elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas*, 2007 a 2014.

O Gráfico III.2.1.1 nos mostra que o setor que tem o número maior de empresas, é o mesmo setor que em que o pessoal ocupado assalariado está em maior quantidade; *Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas*. Esse setor empregou 26,4% do pessoal ocupado assalariado e 48,7% das empresas estão nesse setor entre 2007 e 2014. O setor que é o segundo maior em número de empresas e o segundo que teve a maior população ocupada assalariada é o setor de *Indústria de transformação*, empregando 23,6% e com 9,7% das empresas atuando nessa área.

O setor de *Atividades administrativas e serviços complementares* é o terceiro setor com a maior quantidade de pessoal ocupado assalariado e o quarto setor com o maior número de empresas para o período com 11,1% e 5,6% respectivamente. O setor de *Alojamento e alimentação* é o terceiro setor com o maior número de empresas, porém, é o quinto setor com a maior quantidade de pessoal ocupado assalariado, isso pode ocorrer devido ao setor apresentar um número maior de pequenas empresas do que o resto dos setores.

A segunda pergunta que podemos nos fazer é quais os setores apresentam um alto impacto dentro do próprio setor no pessoal ocupado assalariado pela entrada de novas empresas. Em 2007, 7,2% do pessoal ocupado assalariado teve origem na entrada de novas empresas no setor de *Artes, Cultura, esporte e recreação* e em 2014 eram 6,2%. Esse é o setor que tem maior participação média das empresas que entram no pessoal ocupado assalariado para o período, 5,9%. O setor de *Outras atividades de serviços e Alojamento e alimentação* também tem participação alta, em média 5,5% e 5,4% para o período.

O setor que a entrada de empresas impacta menos no pessoal ocupado assalariado do setor é *Eletricidade e gás* apenas 0,5% por ano do pessoal ocupado assalariado é oriundo das empresas entrantes. *Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados* e *Indústrias extrativas* também tem pouca representação das entrantes no pessoal ocupado assalariado, 1,0% e 1,5% respectivamente, como podemos observar na Tabela III.2.1.1. Em média de 2007 a 2014 podemos perceber que em geral a entrada afeta cada vez menos o pessoal ocupado de cada setor.

Tabela III.2.1.1 - Participação do pessoal ocupado assalariado das empresas entrantes no pessoal ocupado assalariado total do setor, por setor, Brasil, 2007 - 2014

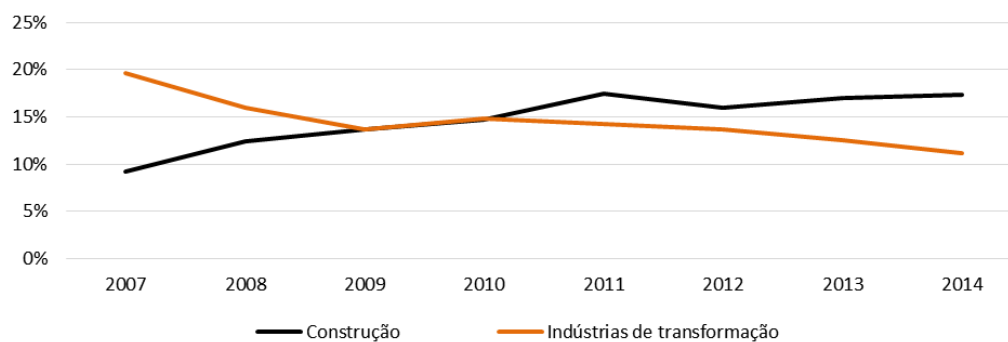
<i>Setor</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>	<i>2012</i>	<i>2013</i>	<i>2014</i>	<i>MÉDIA</i>
Total da economia	3.4%	3.0%	3.1%	3.3%	3.0%	2.8%	2.5%	2.4%	2.9%
Artes, cultura, esporte e recreação	7.2%	5.9%	5.4%	5.3%	5.7%	5.5%	6.2%	6.2%	5.9%
Outras atividades de serviços	6.2%	5.8%	5.1%	6.2%	5.9%	5.3%	4.8%	4.8%	5.5%
Alojamento e alimentação	5.8%	5.6%	5.5%	5.6%	5.2%	4.9%	5.1%	5.4%	5.4%
Construção	4.7%	5.1%	5.3%	5.8%	5.9%	5.0%	4.8%	4.9%	5.2%
Atividades imobiliárias	4.1%	4.1%	4.2%	4.1%	5.0%	4.9%	4.3%	3.5%	4.3%
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	4.4%	4.0%	3.5%	4.2%	3.9%	6.1%	3.0%	3.1%	4.0%
Atividades profissionais, científicas e técnicas	3.9%	4.1%	5.2%	4.7%	4.1%	3.7%	2.9%	2.5%	3.9%
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	4.4%	4.1%	4.0%	4.5%	3.6%	3.2%	2.9%	2.7%	3.7%
Educação	3.7%	3.0%	3.2%	2.6%	2.8%	2.5%	2.8%	2.1%	2.8%
Atividades administrativas e serviços complementares	2.7%	2.2%	2.5%	2.3%	2.3%	2.5%	2.2%	1.9%	2.3%
Transporte, armazenagem e correio	2.4%	2.4%	2.3%	2.5%	2.5%	2.0%	1.8%	2.1%	2.3%
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	5.2%	1.4%	1.3%	1.3%	2.5%	2.3%	1.6%	0.8%	2.0%
Informação e comunicação	2.1%	1.9%	2.3%	2.1%	1.6%	1.7%	1.3%	1.3%	1.8%
Saúde humana e serviços sociais	2.6%	1.7%	1.7%	1.7%	1.6%	1.9%	1.5%	1.4%	1.8%
Indústrias de transformação	2.3%	1.8%	1.6%	1.9%	1.7%	1.6%	1.3%	1.1%	1.7%
Indústrias extrativas	1.8%	1.4%	1.5%	3.0%	1.2%	1.4%	1.0%	0.7%	1.5%
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	1.5%	1.6%	1.3%	1.0%	0.6%	1.1%	0.7%	0.6%	1.0%
Eletricidade e gás	0.8%	0.3%	0.5%	0.6%	0.4%	0.3%	0.2%	0.7%	0.5%

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas 2007 a 2014*.

Qual será o percentual de impacto no total dos postos de trabalho criados pelas empresas entrantes de determinados setores? Mesmo que as empresas que entrem criem muitos postos de trabalho dentro do setor, no total da economia a relevância pode ser diferente. O setor que afeta o pessoal ocupado assalariado no momento da entrada de forma mais significativa foi *Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas* em média os funcionários que entram nesse setor representam 32% do pessoal ocupado da economia. O setor de *Construção e Alojamento e Alimentação* foram setores em que o pessoal ocupado assalariado oriundo das empresas entrantes teve alto impacto tanto dentro do setor como no total do pessoal ocupado assalariado da economia.

Podemos notar uma evolução inversa entre o setor de *Construção* e *Indústria de transformação*. Ao mesmo tempo que o setor de *Construção* cresce a representação do pessoal ocupado oriundo das entrantes em todos os funcionários da economia de 9% em 2007 para 17% em 2014, o setor de *Indústria de transformação* diminui essa representação de 20% em 2007 para 11% em 2014.

Gráfico III.2.1.2 - Evolução do impacto de empresas entrantes no setor em todas as empresas que entram na economia, Brasil, 2007 - 2014.



Fonte: Gráfico de elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas 2007 a 2014*.

A maioria dos setores, mais precisamente 65% impactam, em média, 2% no pessoal ocupado assalariado com a entrada total.

É importante mencionar que o pessoal ocupado assalariado das empresas que entram na economia desses setores, que impactam de forma significativa o total, tem influência do próprio tamanho de cada setor. Os setores de *Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas*, *Construção* e *Indústrias de transformação* são os setores que possuem maior

representatividade do pessoal ocupado assalariado total, sendo assim os maiores setores de ocupação de funcionários.

Da mesma forma os setores que representavam menos que 2% por meio da entrada total são, em geral, os mesmos setores que tem uma quantidade de pessoal ocupado assalariado geral menor do que o resto da economia.

É esperado que o impacto da entrada de empresas dos setores no total de pessoas ocupadas assalariadas tenha forte correlação com o próprio tamanho de ocupação desses setores.

Será que esses setores que tem maior representatividade no pessoal ocupado assalariado, no número de empresas e nas empresas que entram apresentam um salário médio mensal diferente dos outros setores? Qual o impacto desses fatores na remuneração do pessoal ocupado assalariado?

III.2.2 – Salário Médio.

Algumas perguntas são interessantes para analisar melhor as características de cada setor em relação ao salário médio. A primeira pergunta é, em qual setor o salário médio é mais alto?

A Tabela III.2.2.1 abaixo mostra que no período analisado os maiores salários são oriundos do setor de *Eletricidade e gás, Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados e Indústrias extrativas* com salário de, em média para o período analisado de, respectivamente, R\$6.649, R\$5.049 e R\$4.011. O setor de Indústrias extrativas teve um crescimento de 98,1% no salário médio mensal que era R\$2.724,57 em 2007 e se tornou R\$5.397,36 e o pessoal ocupado assalariado cresceu quase 50% de 2007 a 2014 passando de 151 mil pessoas para 224 mil pessoas. Isso nos mostra que o setor não só cresceu, mas que provavelmente houve uma migração do pessoal assalariado para esse setor. Todos os setores apresentaram crescimento no salário médio mensal. Em relação aos setores que apresentam a menor remuneração temos *Alojamento e alimentação, Artes, cultura, esporte e recreação e Outras atividades de serviços*.

A pergunta que podemos nos fazer agora é em quais setores o fenômeno de entrada impacta mais fortemente e qual é o impacto no salário médio mensal? Em todos os anos e setores a entrada de novas empresas impacta negativamente o salário médio mensal dentro do próprio setor. Os setores mais afetados pela entrada de novas empresas são; *Outras atividades de serviços, Artes, cultura, esporte e recreação e Construção*.

O Gráfico III.2.2.1 nos mostra que, os setores que sofrem menor influência negativa da entrada são; *Eletricidade e gás, Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados e Indústrias extrativas*, os mesmos setores que possuem o maior salário médio mensal. Ao longo do período analisado houve uma queda do impacto negativo da entrada, queda comparativa com o primeiro ano da análise.

Tabela III.2.2.1 - Salário médio mensal, por setor, Brasil, em milhares BRL e valores constantes de 2014, 2007 - 2014

<i>Setor</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>	<i>2012</i>	<i>2013</i>	<i>2014</i>	<i>Média</i>
Total da economia	1.71	1.78	1.77	1.84	1.90	1.99	2.05	2.25	1.91
Eletricidade e gás	5.94	6.06	6.36	6.55	6.62	6.97	6.84	7.05	6.55
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	4.89	4.96	4.68	4.79	4.98	5.25	5.25	5.59	5.05
Indústrias extrativas	2.72	3.10	3.50	3.97	4.10	4.45	4.85	5.40	4.01
Informação e comunicação	3.45	3.53	3.73	3.89	3.76	3.83	3.92	4.46	3.82
Atividades profissionais, científicas e técnicas	2.49	2.53	2.41	2.45	2.59	2.70	2.76	3.09	2.63
Indústrias de transformação	2.05	2.17	2.16	2.24	2.33	2.43	2.49	2.73	2.33
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	2.10	2.19	2.20	2.23	2.25	2.37	2.46	2.75	2.32
Transporte, armazenagem e correio	1.88	1.94	1.94	1.97	2.06	2.12	2.22	2.44	2.07
Atividades imobiliárias	1.70	1.76	1.81	1.86	1.83	1.97	2.05	2.23	1.90
Construção	1.41	1.55	1.62	1.69	1.75	1.93	1.98	2.27	1.78
Saúde humana e serviços sociais	1.44	1.44	1.49	1.54	1.56	1.63	1.68	1.81	1.57
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	1.24	1.33	1.38	1.44	1.48	1.59	1.69	1.83	1.50
Educação	1.31	1.34	1.37	1.47	1.48	1.53	1.60	1.75	1.48
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	1.16	1.21	1.24	1.30	1.35	1.44	1.49	1.64	1.35
Atividades administrativas e serviços complementares	1.07	1.14	1.14	1.17	1.25	1.30	1.35	1.49	1.24
Outras atividades de serviços	1.14	1.08	1.10	1.14	1.18	1.25	1.28	1.39	1.19
Artes, cultura, esporte e recreação	1.09	1.04	1.01	1.05	1.11	1.12	1.19	1.34	1.12
Alojamento e alimentação	0.89	0.90	0.95	0.98	1.02	1.09	1.14	1.24	1.03

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas 2007 a 2014*.

Ao compara o ano de 2007 com 2014 separando o salário médio mensal por setores e considerando a entrada, temos que o setor de *Eletricidade e gás* se manteve com a maior remuneração mensal entre todos os setores, porém o setor de Indústrias extrativas apresentou um aumento considerável no salário médio mensal. Ao observar quais setores têm uma maior porcentagem de representação de pequenas empresas no total de empresas do setor, observamos uma relação inversa com os dados de salário médio mensal.

Gráfico III.2.2.1 - Impacto negativo da entrada no salário médio mensal, por setor, Brasil, 2007 - 2014



Fonte: Gráfico de elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas*, 2007 a 2014.

A Tabela III.2.2.2 nos mostra que os setores com a menor quantidade de empresas de 1 a 9 funcionários são *Informação e comunicação*, *Eletricidade e gás* e *Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados*, que são os três setores com melhor remuneração média no período a participação das pequenas empresas é de 19%, 20% e 22% respectivamente. Os setores com maior representação das empresas com 1 a 9 pessoas ocupadas são *Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas*, *Alojamento e alimentação* e *Indústrias de transformação*. Os três setores apresentam salário médio mensal relativamente baixo.

O setor de *Indústrias extrativas* tem um resultado curioso. Esse setor apresenta, em média que 35% das empresas são de 1 a 9 empregados, porém é o terceiro setor com maior salário médio mensal.

Tabela III.2.2.2 - Impacto das pequenas empresas no total de empresas, por setor, Brasil, em milhares BRL e valores constantes de 2014, 2007 - 2014

<i>Setor</i>	<i>2007</i>	<i>2008</i>	<i>2009</i>	<i>2010</i>	<i>2011</i>	<i>2012</i>	<i>2013</i>	<i>2014</i>	<i>Média</i>
Total da economia	36.60%	36.87%	37.15%	37.57%	39.63%	40.63%	40.59%	43.66%	39.09%
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	39.54%	39.98%	40.43%	41.03%	43.67%	45.11%	45.37%	49.28%	43.05%
Alojamento e alimentação	38.75%	39.12%	39.42%	40.56%	43.18%	45.46%	46.14%	50.02%	42.83%
Indústrias de transformação	40.20%	40.76%	40.75%	40.76%	42.23%	43.16%	43.19%	45.74%	42.10%
Saúde humana e serviços sociais	41.56%	41.20%	41.40%	41.08%	42.47%	42.09%	41.25%	42.77%	41.73%
Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação	35.15%	36.10%	37.00%	37.49%	40.12%	40.74%	40.59%	44.61%	38.97%
Transporte, armazenagem e correio	36.29%	36.83%	36.93%	37.40%	39.12%	39.42%	39.44%	42.31%	38.47%
Educação	39.39%	38.82%	37.89%	37.81%	38.34%	38.36%	37.49%	38.63%	38.34%
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	35.33%	37.41%	36.24%	37.29%	39.57%	39.87%	38.49%	41.33%	38.19%
Outras atividades de serviços	32.00%	32.74%	32.49%	33.57%	36.44%	39.63%	40.14%	45.51%	36.56%
Indústrias extrativas	35.19%	34.67%	34.22%	33.86%	36.62%	35.93%	35.48%	37.73%	35.46%
Atividades administrativas e serviços complementares	30.63%	30.75%	31.23%	31.32%	32.97%	33.67%	33.45%	35.81%	32.48%
Construção	29.08%	29.68%	30.14%	30.75%	33.09%	34.17%	34.19%	37.07%	32.27%
Artes, cultura, esporte e recreação	26.35%	25.83%	26.28%	27.24%	29.36%	30.87%	31.85%	36.38%	29.27%
Atividades imobiliárias	31.28%	30.46%	29.78%	29.20%	29.33%	28.29%	27.02%	27.78%	29.14%
Atividades profissionais, científicas e técnicas	24.06%	24.09%	25.90%	26.83%	28.36%	28.77%	28.73%	30.77%	27.19%
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	21.54%	21.65%	21.81%	21.09%	21.69%	21.50%	21.11%	22.14%	21.57%
Eletricidade e gás	22.44%	20.78%	20.59%	20.36%	18.60%	19.15%	18.95%	20.05%	20.12%
Informação e comunicação	17.66%	17.28%	17.34%	17.86%	19.13%	19.77%	19.89%	21.49%	18.80%

Fonte: Elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas 2007 a 2014*.

Podemos notar que em geral os setores que tem maior participação do pessoal ocupado assalariado das empresas entrantes no pessoal ocupado assalariado total do setor, que são, *Artes, cultura, esporte e recreação, Outras atividades de serviços e Alojamento e alimentação* são os mesmo três setores com menor salário médio mensal. Isso nos mostra que provavelmente a entrada tem grande impacto no salário médio mensal por setores também.

Em geral, a entrada de empresas é menor nos setores com menor salário médio mensal, porém a relação não fica muito clara se o salário médio mensal afeta a entrada de novas empresas no setor. O Gráfico III.2.2.2 nos mostra o setor ontem a entrada tem maior impacto é *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura, Indústrias extrativas e Indústrias de transformação*. Esses três setores não são os setores com os maiores salários médio mensais para o período.

Gráfico III.2.2.2 - Participação das empresas que entram no total de empresas, por setor, Brasil, 2007 - 2014



Fonte: Gráfico de elaboração própria a partir de IBGE, *Demografia de Empresas*, 2007 a 2014.

Assim podemos entender em relação aos setores que, em geral os setores que apresentam maior pessoal ocupado assalariado oriundo da entrada de novas empresas apresentam também um salário médio mensal baixo. Porém não necessariamente as novas empresas entram nos setores que apresentam maior salário médio mensal para o período de análise.

CAPÍTULO IV – CONCLUSÃO.

Esse estudo teve como objetivo analisar o fenômeno de entrada e saída e a contribuição para a criação de empregos e para os salários médios mensais. Procuramos também entender qual a relação que esses fatores tem com o tamanho das empresas e se existe alguns setores na economia que apresentam maior taxa de entrada e se são os mesmos setores que apresentam salário médio mensal elevado.

Podemos perceber que esse tema tem sido estudado por diversos autores em diversos países. Em geral as empresas que nascem apresentam uma contribuição alta no pessoal ocupado assalariado, criando uma parte significativa de novos postos de trabalho. Para o Brasil entre os anos de 2007 a 2014 encontramos que em geral as novas empresas afetam de forma significativa o número de postos de trabalho.

Vimos primeiro que em relação ao número de empresas, a entrada contribui para a criação de 9% das empresas na média do período e a saída destrói 4% dessas empresas. A entrada na faixa de 1 a 9 pessoas assalariadas representa 11% das empresas e a saída 5% e a faixa com 10 ou mais pessoas assalariadas representa 4% e 1% respectivamente. A maior parte das empresas estão na faixa menor, em torno de 80% todos os anos.

Em relação ao pessoal ocupado assalariado, as empresas da faixa de 1 a 9 trabalhadores apresentam que a entrada afeta em 8% a taxa do pessoal ocupado assalariado, enquanto as mortes dessas empresas representam uma perda de 4% dentro da faixa. Nas empresas com 10 ou mais pessoas ocupadas esse valor cai significativamente dentro da faixa, em média a entrada representa 2% do pessoal ocupado assalariado e a saída 1%. Do total de pessoal ocupado assalariado, a faixa de 1 a 9 emprega em média 17% e a faixa com 10 ou mais 83%. No geral 3% dos postos de trabalho são criados pela entrada e 1% é destruído pela morte de empresas.

A entrada de novas empresas na economia afeta negativamente o salário médio dos trabalhadores em todos os anos do período. O salário médio mensal cresceu pouco e a entrada de novas empresas contribuiu para o baixo crescimento. O salário médio tende a ser maior nas empresas com maior pessoal ocupado. Lembrando que como o salário médio é calculado pelo pessoal ocupado assalariado não conseguimos analisar o salário por função ou anos de empresa do funcionário. Vimos anteriormente que a entrada é significativamente maior nas pequenas

empresas e essas pequenas empresas apresentam uma remuneração inferior. Além disso as empresas que morrem na economia apresentam em geral um salário médio mensal maior do que as empresas que entram e em alguns anos maior do que as sobreviventes e o total da remuneração.

Analisamos também essas variáveis segregando por setores da economia. Os setores que apresentam o maior número de empresas são em geral os mesmos setores que apresentam a maior parcela do pessoal ocupado assalariado. Os setores que apresentaram maior impacto no pessoal ocupado assalariado por meio da entrada de novas empresas foram os mesmos que apresentaram um salário médio inferior. Isso nos leva a considerar uma alta relação entre a entrada de novas empresas e o salário médio por setores. Em relação ao número de empresas, entendemos que os setores que apresentam menor entrada são os setores com as remunerações mais baixas, porém existem alguns setores que se comportam de forma peculiar, então afirmar que existe uma relação significativa aqui nos exigiria uma análise mais aprofundada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPDEVIELLE, M. *Globalización, especialización y heterogeneidad estructural em México*. In: Mario Cimoli, Heterogeneidad estructural, asimetrías y crecimiento en América Latina, CEPAL/BID, Santiago de Chile. pp. 101-126, 2005.
- CARVALHO, K. C. M.; CERQUEIRA, L. F. *Análise dos determinantes da entrada e das empresas no Brasil*. Texto para Discussão Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- CATELA, S. Y. E.; PORCILE, G. *Heterogeneidade estrutural na produtividade das firmas brasileiras*. Brasília, DF: CEPAL. Escritório no Brasil/IPEA, 2013.
- CAVES, R. E. *Industrial Organization and New Findings on the Turnover and Mobility of Firms*. In: Journal of Economic Literature, Vol. 36, No 43, pp. 1947-1982, 1998.
- CRISCUOLO, C.; GAL, P. N.; MENON, C. *The Dynamics of Employment Growth: New Evidence from 18 Countries*. CEP Discussion Paper No 1274, Londres, 2004.
- EUROSTAT *Structural Business Statics*, 2013.
- GALLAGHER, C. *The Creation of new Firms and Jobs in Europe*. In: European Management Journal Volume 4 No 3, 1986.
- HALTIWANGER, J. *Job Creation and Firm Dynamics in the United States*. In: Innovation Policy and the Economic, Volume 12. University of Chicago Press. Chicago, 2011.
- HALTIWANGER, J.; JASMIN, S. R.; MIRANDA, J. *Who Creates Jobs? Small vs. Large vs. Young*. Working Paper 16300. Cambridge, 2009.
- IBGE, *Demografia de Empresas*.
- IBGE, *Estatísticas do Cadastro Central de Empresas*.
- INFANTE, R. *Indicadores de heterogeneidad estructural*. Documento de Trabajo 13. In: Desarrollo Inclusivo, Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), Santiago, 2010.
- INFANTE, R.; SUNKEL, O. *Chile: hacia um desarrollo inclusivo*. Revista CEPAL, n. 97, 2009.
- KIRCHHOFF, B. A.; PHILLIPS, B. D. *The Effect of Firm Formation and Growth on Job Creation in the United States*. Journal of Business Venturing 3, 261-272. Estados Unidos, 1998.
- KUPFER, D.; ROCHA, F. *Determinantes setoriais do desempenho das empresas Industriais brasileiras in de Negri, J. A. e Salerno, M. S. (org) Inovações, Padrões Tecnológicos e Desempenho das Firms Industriais Brasileiras*. Capítulo 7. pp. 253-98. Brasília. IPEA, 2005.
- MELITZ, M. J.; POLANEC, S. *Dynamic Olley-Pakes Productivity Decomposition with Entry and Exit*. NBER Working Paper No 18182, 2012.
- NEGRI, F.; CAVALCANTE, L. R.; *Produtividade no Brasil: desempenho e determinantes*. Instituto de Pesquisa Econômica, 2014.
- NEUMARK, D.; WALL, B.; ZHANG, J. *Do Small Businesses Create More Jobs? New Evidence for the United States from the National Establishment Time Series*. In: Discussion Paper No. 3888. Alemanha, 2008.
- OLLEY, S.; PAKES, A. *The Dynamics of Productivity in the Telecommunications Industry*. Econometrica, 64(6), pp. 1263-1298, 1996.
- PAGÉS, C. *The Age of Productivity: Transforming Economies from the Bottom up*. Development in the Americas (DIA), Washington, 2010.

PINTO, A. *Heterogeneidade estrutural e modelo de desenvolvimento crescente*. In: SERRA, J. (Coord). América Latina: ensaios de interpretação econômica. Paz e Terra, RJ, 1979, 2ª. Ed 1979.

PORCILE, G. *Heterogeneidade estrutural: conceito e evidências na América Latina*. In: Economia & Tecnologia, Ano 06, Vol. 21, 2010.

ROCHA, F. *Heterogeneidade estrutural, composição sectorial e tamanho de empresa nos anos 1990*. Economia e Sociedade, Campinas, v. 13, n. 1 (22), p. 61-67, 2004.

WORLD BANK. *World Development Report on Jobs*. 2013